



Jornal RUMOS

Ano 37 | nº 255 - Maio / Julho 2018

CONCÍLIO PARA DECIDIR SOBRE A ORDENAÇÃO DE MULHERES

Em sua conversa com jornalistas dos jornais austríacos Die Presse e Salzburger Nachrichten, o arcebispo de Viena comentou a respeito da ordenação de mulheres e homens casados, que “as questões organizacionais são importantes” na Igreja, “e eu acredito que há espaço para melhorias, também um potencial necessário para mudanças”. “Uma das questões-chave é o papel das mulheres na Igreja”, continuou o cardeal: “ali, as comunidades religiosas como um todo precisam de desenvolvimento”.

Sobre quem na Igreja tem a competência para levar a cabo tais mudanças ou desenvolvimentos, o cardeal Schönborn especificou que “a ordenação de mulheres é uma questão que claramente só pode ser esclarecida por um Con-

cílio. Um papa não pode decidir isso sozinho. É uma questão grande demais para ser decidida na mesa de um papa”. E, para o cardeal, embora o Papa João Paulo II tenha fechado a porta à ordenação das mulheres, na Igreja há “um princípio católico tradicional, que é o desenvolvimento da doutrina”, cujo peso é sentido especialmente agora, com o Papa Francisco, e de uma maneira “empolgante”. Como exemplo desse princípio, o cardeal recorreu à decisão de Bergoglio, já há um ano e meio, de equiparar a festa de Maria Madalena “às festas dos apóstolos”. “Pode-se dizer que é uma coisa pequena. Mas mostra uma mudança de consciência”, enfatizou.

“A Igreja é uma comunidade e grandes decisões devem ser tomadas juntas”, disse o também



editor do Catecismo da Igreja Católica, propondo nesse sentido, e na linha de sua ideia de que um Concílio seja convocado, “que continuemos no caminho da sinodalidade na Igreja, o que o Papa encoraja fortemente”.

“Eu confio em que haverá um novo Concílio. João XXIII, naquela época, reconheceu o momento certo, quando ninguém esperava. Eu confio no Espírito Santo”, disse Schönborn. Fé na tutela divina da Igreja que o

cardeal espera que também seja sentida no Sinodo Pan-Amazônico planejado para outubro de 2019, no qual a questão da ordenação de homens casados “certamente será discutida”.

Religião Digital

A DIGNIFICAÇÃO DO FEMININO EM SEIS MULHERES NA BÍBLIA

A inclusão das narrativas nos livros da série Século I sobre as mulheres não decorreu de mero acaso, mas do que está posto nos próprios evangelhos. Para os biógrafos canônicos, sempre foi perceptível a importância das mulheres na trajetória de Jesus. Se escaparmos do anacronismo – tendência de “ler a história” pelas lentes da modernidade – fica ainda mais claro o aspecto revolucionário da postura de Jesus para com elas. Em seu tempo, assim como hoje ainda ocorre em algumas culturas, mulheres não tinham valor. Eram desconsideradas como pessoas, tidas como pertencentes à disposição de um detentor. Valores como nome, direitos ou bens demandavam vínculo a algum homem. Em situações de litígio seu testemunho não tinha validade. Para o Deus encarnado, contudo, a mulher tem sua relevância própria na história e a essência de sua dignidade é carregar em si mesma, tanto quanto os homens, a imagem e a semelhança do seu Criador para refletir a glória dele (doxa = reputação, bondade e caráter). Por isso, Jesus, em suas atitudes subvertia e questionava os valores masculinos e preconceituosos, com uma postura inclusiva e restauradora do papel e do lugar da mulher. E isto não é coisa corriqueira, mas primordial quando se pensa em equidade entre os gêneros! Que importância vigorosa tem a abordagem de Jesus para os nossos dias, onde a luta pela valorização da mulher, legítima e necessária, em alguns momentos pode descambar para intolerância, rupturas ou polarizações. Sua postura, fundamentada na sensível e amorosa percepção que Ele tinha e tem dos fatos e na compreensão do projeto divino para a humanidade, focaliza o valor e o papel da mulher, que ao lado do homem representa a idealização do humano na criação.

Revisitando os registros bíblicos acerca de seis mu-

lheres, arrisco propor uma trajetória simbólica, revelada naquelas narrativas, e uma reflexão sobre o impacto deste simbolismo para a valorização e dignificação do feminino.

A conversa entre Jesus e a samaritana aponta um caminho que diz “não” ao preconceito. Reconhece o anseio feminino por relacionamentos verdadeiros e a sede da alma por companheirismo e cumplicidade e se propõe a saciá-la a partir da valorização pessoal da mulher. Ao desmascarar a situação real, afirmando que os relacionamentos dela não constituíam verdadeiro casamento, o mestre lhe abre as portas para mudança e para a busca da água que gera vida e que a libertaria do abuso de ser desconsiderada, fazendo-a compreender que ela não precisava de um homem para dar significado à sua existência.



Há também a estrangeira siro-fenícia. Mulher forte, capaz de contender com o Deus encarnado em prol da saúde

de sua filha. Aquela que causou em Jesus o espanto que seus próprios compatriotas não eram capazes de gerar. A libertação vem para mãe e para filha, valorizadas, em um grande “não” à opressão e à tirania do mal.

Em outro encontro, Jesus se depara com a mulher encurvada e a bela metáfora deste relato é que o peso da vida pode ser tirado por aquele que diz “vinde a mim e eu vos aliviarei!” Imagine a força desta simbologia quando o encurvamento produzido por este fardo se dá, exatamente, sobre uma mulher, cujos ombros cansados, sucumbiam ao peso do estigma, do preconceito e do abuso. De repente, posta-se ereta, cabeça erguida, olhos aos céus, pelo toque de Deus na sua história.

Em outro contexto, temos Marta, trabalhando para os homens. Recebe de Jesus a revelação: “eu sou o caminho, a verdade e a vida”. E a verdade a libertou. A verdade de que poderia e deveria servir, não por obrigação, mas pelo amor que faz toda a diferença. Sua irmã Maria, é colocada em lugar de privilégio na presença do Homem-Deus. Como criança se assenta aos pés amorosos de avós, perdendo-se no deleite de aprender. Ao lado de Pedro, João ou Tomé, lá estava Maria, tão digna quanto qualquer homem. Diante do túmulo de seu irmão Lázaro, Maria não apenas ouvia de Jesus “eu sou a ressurreição”, mas iria testemunhar o seu chamado: Lázaro vem para a vida.

No primeiro contato que teve com Jesus, Maria Madalena restaurou seu valor e sua dignidade. Apaixonou-se pelo Mestre e reconstruiu o sentido de seu viver. Acompanhou Jesus em sua agonia e no domingo foi sedo prantear a dor de sua morte, tornando-se a primeira testemunha do evento mais significativo de todos os tempos: a ressurreição de Jesus.

Cayo César Santos

Editorial

Sempre queridas amigas e sempre queridos amigos.

Maio é o mês dedicado a Maria mãe de Jesus e às mulheres em geral. Por isso publico na CAPA (1ª página) desta 255ª edição do nosso jornal RUMOS 2 homenagens a elas.

E atenção: tenho que comunicar dolorosamente que neste ano vai encerrar a impressão gráfica do jornal! Já havia sido aprovada na Assembleia do Encontro de Brasília que o jornal só seria impresso até o fim de 2017. Entretanto conseguimos estar a impressão para 2018. Só que neste ano teremos só mais 2 no 2º semestre.

A partir de 2019 teremos apenas edição eletrônica. O motivo já sabem: nossa Associação Rumos dispõe de só 5.000 reais. As despesas de cada edição com diagramação, impressão e correio ultrapassam 1.400 reais e sobem a cada bimestre. E dos 310 "assinantes" do jornal impresso a maioria – 210 – não pagam nem atualizam a anuidade. Apesar de meus

repetidos pedidos que pagassem a anuidade...

Lamento especialmente pelos assinantes que não dispõem de computador.

Os assinantes cuja anuidade venceu ou vencerá neste ano consequentemente podem pagar a quantia proporcional até o final deste ano.

Mas faço forte sugestão que todos que recebem o jornal impresso colaborem como SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO RUMOS pagando 150 reais anualmente para subsidiar as despesas da mesma.

Lamento que nosso Brasil com 7 mil padres casados só tenha menos que 100 pagando o jornal!!!

Gilberto editor (com Antônio Müller)
gilgon@terra.com.br



Carta do Presidente aos leitores

Caros amigos e amigas do Movimento das Famílias dos Padres Casados - MFPC.

Historicamente sabemos que não só a vida, mas também a humanidade caminha em ciclos, com altos e baixos, às vezes com triunfo, outras vezes em certo declínio, com suas teses, antíteses e sínteses - como disse o filósofo.

Nos últimos anos temos passado por momentos de incerteza e esperança no campo da política e da economia brasileira, mas essas peripécias não podem invalidar nossa capacidade de sonhar e enxergar novos tempos nas Instituições brasileiras.

Acreditemos que a vida é tecida de sonhos e que os sonhos são as asas da liberdade, com a certeza de que cada dia Deus nos dá a oportunidade de recomeçarmos e construirmos nova

história.

Em nível de MFPC, estamos unidos ao grupo de Manaus, que com grande entusiasmo e competência está organizando nosso XXII Encontro Nacional. Já sabemos que será realizado de 03 a 07 de julho do próximo ano, por ser o período de recesso escolar naquela Cidade. Reservem esta data e divulguem aos colegas. Vamos, unidos aos povos da floresta, realizar um grande Encontro.

Caminhemos fortes e frágeis, lentos e ágeis, rumos a novos tempos, sempre sonhando com novos tempos. Abraço,

Aila e Antonio
Presidentes do MFPC



RESPONSABILIDADE DOS PADRES-PAIS

Já aqui o disse em crônica anterior, citando a decisão de bispos irlandeses: os padres que tiverem filhos devem assumir as suas "responsabilidades pessoais, legais, morais e financeiras", para que os seus filhos não sejam órfãos de pais vivos e as mães seduzidas e abandonadas.

O irlandês Vicente Doyle descobriu aos 30 anos que era filho de um padre e criou, com o acordo de alguns bispos, a associação "Coping - Children of Priests International", que afirma haver no mundo mais de 4000 filhos de padres.

Um jovem padre madeirense continua no exercício do ministério sacerdotal depois de ter reconhecido a paternidade da sua menina. Segundo as edições em papel e online da Imprensa, o padre quer continuar a sua missão pastoral, mantendo diálogo com o bispo do Funchal, D. António Carilho, que lhe vai aconselhando, como informava o "Jornal de Notícias", que "deverá assumir as responsabilidades inerentes à situação".

O que prescreve o atual Direito Canônico da Igreja Católica



não chega para obrigar o padre que infringiu o celibato e reconheceu publicamente a paternidade para se afastar ou ser afastado do exercício do ministério. Será o próprio, em comunhão eclesial com o seu bispo, e tendo em conta o bem do Povo de Deus, a tomar a

decisão mais ajustada: manter ou não a sua vocação sacerdotal.

Vai caindo em desuso, graças a Deus, a clandestinidade de filhos de padres e abrem-se novos caminhos de responsabilidade consoante a fidelidade ou a infidelidade ao celibato. Também os

filhos desejados ou indesejados dos padres não devem ser joguetes nas mãos e nos caprichos dos adultos. Têm direito a crescer num clima de felicidade, tarefa tanto da riqueza afetiva do pai como da afeição amorosa da mãe, e não cada um a puxar para

o seu lado e a viver uma relação egoísta ou possessiva, como se um filho fosse uma bola de trapos. Em situações dessas e para que do diálogo nasça a luz, é necessário ouvir a mãe e fazê-la participar na decisão, mantendo a sua dignidade e os seus sonhos. Corrija-se a ideia corrente que a mulher só sabe ser a tentadora, como Eva foi para Adão.

As mulheres não merecem ser usadas e detidas fora com indiferença pela felicidade a que têm direito. Não é conveniente que a Igreja seja mãe dos seus queridos padres e madrasta das mulheres que eles engravidaram e de quem facilmente se descartam. Não são casos de ligeiros namoros platônicos ou de paixões arrebatadoras de adolescentes serôdicos. É um amor fecundo e quem nasce tem direito ao calor dos afetos e do amor. Haverá em Portugal, segundo estatística da Fraternitas, associação que congrega sacerdotes que deixaram o ministério, 600 padres casados. Só lhes desejo que sejam casais e famílias felizes. Quem me dera tê-los lado a lado na exaltante missão sacerdotal.

Rui Osório

Expediente

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.



Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:
Presidente da AR - **Antônio Evangelista de Andrade**
Vice-Presidente da AR - **Lusimar de Deus Osni**
Tesoureira: **Joelma dos Santos Galvão**
Secretária: **Maria Vanderlena Torquato Lenira**
Moderador do e-grupo padrecasados: **João Correia Tavares**
Coordenadores do site www.padrecasados.org: **João Correia Tavares** e **Antonio Evangelista**, com a ajuda estética e técnica de **Giba** e seu filho **Marco Gonzaga**
Coordenadores do Grupo dos jovens: **José E. Rolim Mota** e **Rejane Novo** e-mail do MFPC: mfpccrumos@gmail.com
E-mail para enviar matérias para o site: tavares@elointernet.com.br
Representante internacional: **João Correia Tavares** e **Sofia**
Coordenador da comissão de teologia: **Eduardo Hoornaert** e **Geraldo Frencken**
Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR: **Antônio Evangelista Andrade**
Assessores bíblico-teológicos: **Eduardo Hoornaert** e **Geraldo Frencken**
Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: **Telma Araújo de Oliveira Spagnolo**, **Sônia Maria Salviano Matos de Alencar**, **Jorge Ponciano Ribeiro**
JORNAL RUMOS:
Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: **Gilberto Luiz Gonzaga**
Assessoria: **Antônio Müller**
Diagramação: **Rodrigo Maierhofer Macedo**
Jornalista Responsável: **Gilberto Luiz Gonzaga**
Correspondência: artigos, comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail: gilgon@terra.com.br de **Gilberto Luiz Gonzaga**, Florianópolis SC, fone 47-9-9983-5537
Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual do Jornal Rumos: R\$ 50,00 (cinquenta reais)
Pagamento pela Agência: 1004-9 do Banco do Brasil, Conta Corrente 7402-0 - Nome: Associação Rumos

Comunique imediatamente ao nosso Presidente: **Antonio Evangelista Andrade**
Email: aandrade1956@gmail.com

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda); Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no Agência: Conta Corrente:

Recibido!
Gracias Giba y saludos a Aglesia.
Óscar Varela
olgoscar05@yahoo.com.ar

O RUMOS não me abandonou! Nossa, que alegria, recebê-lo pelo e-mail, aqui tão longe do Brasil! E veio como um tesouro de assuntos de máxima atualidade.

Agora a questão da assinatura: mesmo que não vai mais gastar com despesas de correios e papel comigo, eu quero contribuir. Vou providenciar o pagamento com a ajuda de um amigo meu em Governador Valadares, MG. Aguardem e continuem!

Que o Espírito do Cristo vos mantenha muito vivos sempre!

Padre Antonio Amort, mhm.
padre.tonia@hotmail.com

Hola Gilberto! Soy Jesús Arbiza. Administrador de un grupo de wsp de padres casados de Uruguay. Ex padres. Quisiera saber más información y si tienes watts app tu así me comunico mejor. Gracias. MI Cel +598099779060. Abrazo.

Jesus Arbiza
jesusarbiza@gmail.com

Obrigada, Gilberto, ainda estou lendo, mas já gostei.

Laureci Wiggers
liawg44@gmail.com

Bom dia. Muito bom os assuntos
Att/Terezinha Neusa Cavalcante
cavalcante.terezinha@hotmail.com

Caro Giba, você está de parabéns: com seus 87 anos, redige um Jornal Rumos interessante, diversificado e aberto. Sua luta publicitária não será em vão, pois vejo o Movimento das Famílias dos Padres Casados evoluir para maior abertura ao mundo, para além da eterna questão do celibato. O pulsar é firme, o andar resolutivo. Parabéns.

Eduardo Hoornaert
e.hoornaert@yahoo.com.br

Obrigada, meu querido.
Amanhã leio com carinho. Beijo
Cleide Amaro Pereira
kaledy.amaro@gmail.com

Parabéns pelo seu trabalho e juventude
Mário Palumbo
mariopalumbo@terra.com.br

Companheiros de Caminhada e de Fé:

Gilberto e Aglèsia.
Muito prazer: Com carinho recebi a edição do Jornal RUMOS 254.
Matéria construtiva e ótima leitura.
Venho dizer a Você que conheci o Movimento quando tivemos o III ENCONTRO DO TERÇO DOS HOMENS DE BELO HORIZONTE, dia 09 de dezembro de 2017.

João Gomes de Souza.
joaogomes.pequenoservo@gmail.com

Muchas gracias. Lo leeré con sumo gusto. Un abrazo.

Ramón Alario Sánchez
alario-s-ramon@hotmail.com

Salve o Jornal Rumos que não desanima e que sabe adequar-se aos rumos atuais. O padre emérito Roberto Egídio Pezzi, um dos mais famosos da atual Diocese de Osório RS está morando também aqui na casa dos padres. Ele e eu temos o privilégio de figurar nas páginas do imortal livro "Brasil nunca mais". Ambos fomos perseguidos, processados e presos nos tempos sóbrios da Ditadura Militar. Nós dois na foto.



Padre Mariano Callegari
Caxias do Sul – RS

Querido Gilberto. Muy agradecido por el ejemplar de RUMOS 2018.

Lo voy a distribuir con colegas de Chile.

Estaremos en contacto.
Muchas gracias y cariños a tu distinguida esposa.

Abdon Flores Sandoval
abdonflores@hotmail.com

Gracias Gilberto
Un abrazo y mis mejores deseos por el año y por el periodico

Iván Uriona – Bolivia
ivanhur49@gmail.com

Olá, muito obrigado. Vou ler
Jucelia Ribas das Neves Lopes
juceliarlobes@gmail.com

Acabei de ler com atenção o vosso Jornal RUMOS.

Como sempre está excelente nos temas, na profundidade com que tratam os mesmos e sobretudo na delicadeza com que são tratados. Admiro a capacidade com que desenvolvem os temas e a coragem de falar das verdades necessárias a uma verdadeira e atual progressão na vida da Nossa Igreja. Pena é que no Vaticano haja tantos diabinhos encobertos e camuflados de autoridade.

Parabéns e muito obrigado.
Serafim de Sousa
serafimseras@hotmail.com

Parabéns por mais essa edição. Muito aprendi. Um abraço.

Maria Olivia Brito Ramos
moliviaramos@yahoo.com.br

Muito obrigado, querido Giba! Excelente como sempre o conteúdo do Jornal Rumos. Gostaria que publicassem algo sobre o próximo Sinodo dos Bispos, que tenho entendido - terá como temática principal o Sacerdócio Ordenado. Um abraço.

Ivanildo Sales Chaves
(Santa Fe - Argentina).
ivansaleschaves@gmail.com

Muchas gracias por el envío.
Ramón Alario Sánchez
alario-s-ramon@hotmail.com

Prezado Gonzaga, o meu muito obrigado; è arrivato l'ultimo n° del ns bel Giornale.

Complimenti a Te e a tutta la Redazione. Da uno sguoardo ancora superficiale, appare straordinario, come, del resto, tutti i numeri precedenti!

Per poter approfondire la lettura, attendo l'invio tramite le Poste italo/brasiliane.

Um forte abraço, um agradecimento e os mais sinceros votos! Um forte abraço e 1000 votos!

Orlando Testi - Cesena
orlando.testi@alice.it

Gilberto Gonzaga, felicitações para o Ano Novo 2018 no Amor do Coração do Cristo para você e sua Família e sócios do MFPC e a Equipe de Redação do Jornal RUMOS.

Felicitações pela Edição Jornal RUMOS 254.

Oportuno o artigo referente a Solidão do Padre...

Aproveito a ocasião para enviar um artigo "SOLIDÃO" para sua análise.
sds. IN CORDE JESU

Clovis Antunes Albuquerque
c_antunes30@hotmail.com

Amigo e irmão, Giba.
Obrigado pela última Edição N° 254 do RUMOS. Como sempre, sem incenso, muito bom e útil para todos nós e informativo para todos que o leem. Acredito que as Igrejas da América Latina (Chile, Argentina, Brasil, etc.) vão dar, ainda, muita "dor de cabeça" a Roma.

Aproveito para lhe comunicar que no dia 23/03/2018, renovei minha assinatura do Rumos. Valor enviado: R\$200,00.

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

Prezado Gilberto,
Esperamos que tudo esteja bem com você e seus familiares e que a Festa da Páscoa seja um momento de revitalização de nossas esperanças.

Um agradecimento especial por seus trabalhos em RUMOS.

Um grande abraço.
Franklin e Lourdes
fmvillela@ig.com.br

Já recebi o anuncio que o meu pagamento de sócio já chegou.

Recebi também o Rumos impresso. Gostei especialmente de dois artigos: Tratados como traidores e do Cardial Marx de Munique.

Nós aqui na diocese de Volta redonda tivemos a 4ª reunião com D. Francisco, a pedido dele. No dia 17 de março. As reuniões sempre foram aqui em minha casa. Foi uma reunião descontraída.

Ele me expôs em particular a mesma ansiedade que eu sinto. Ele também sente o cerco de colegas bispos, de padres e de leigos. Mostrou para os padres casados uma abertura de amigo e ao mesmo tempo, creio, um toque para uma abertura para os padres da diocese. Em convidar oficialmente todos os padres casados com suas esposas para suas bodas de ouro de ordenação sacerdotal no dia 20 de abril, com missa e coquetel.

Alcino Camatta
acamatta@uol.com.br

CINCO ANOS COM FRANCISCO

Há cinco anos o consistório dos cardeais elegeram o novo bispo de Roma, "vindo do fim do mundo". O nome foi significativo. Logo no início, foi a Lampedusa encontrar imigrantes sobreviventes. Mais adiante, na Bolívia, reuniu-se com movimentos sociais. Simples, a caminho da casa Santa Marta, onde mora. Hoje é uma referência mundial, a personalidade mais atuante e crítica no planeta. Como bispo de Roma (prefiro isso a dizer papa) é o primaz da Igreja Católica Romana. Tem tomado iniciativas surpreendentes e colocado questões à consciência dos cristãos ("quem sou eu

para julgar?").
Um perigo: criar-se um mito, um novo tipo sutil de papaltrá, que é uma maneira de colocá-lo no alto de um pedestal e, com isso, afastá-lo para cima: com a consciência tranquila de ter um "papa formidável", a Igreja descansa nele e não faz as mudanças indispensáveis. Os problemas que teve no Chile e no Peru mostram-no felizmente vulnerável e sujeito a questionamentos. Sempre pede que rezem por ele. Um passo mais: ajudemos-lhe na crítica a fatos de seu pontificado e, principalmente, à Igreja institu-

cional que, na cúria e nas igrejas locais, tem enorme dificuldade em rever-se em tantos casos de moral anacrônica (ver problemas de sexualidade e reprodução) e diretrizes que serviram em outras épocas (celibato obrigatório, causa de tantos problemas psíquicos e escândalos).
Celebrar Francisco é sermos fieis aos desafios que nos coloca; é trabalhar pelo "aggiornamento" que ficou inacabado desde João XXIII e o Vaticano II. Então, sim, poderemos dar graças ao dom do Espírito que desceu com ele na Igreja Católica Romana.
Luiz Alberto Gomez de Souza

CONFERÊNCIA
CINCO ANOS
COM O PAPA FRANCISCO

12 de março, 15h00
Auditório Cardeal Medeiros, UCP/Lisboa

15h00 -
Cinco anos: tempo suficiente para mudar?
Conferência - Adriano Moreira

Cinco dias em retiro com o Papa: o que Francisco diz em silêncio
Colóquio com o padre José Tolentino Mendonça
Moderação: Graça Francis, Diretora de Informação da Renascença

15h30 - Intervalo
16h45 -
Cinco hipóteses de futuro no Igreja Católica
Painel com cinco jornalistas
Auro Miguel, Renascença
Joana Hudebre, Lusa
João Francisco Gomes, Observador
João Paulo Franco, SIC
Octávio Carmo, Ecclesia
Moderação: Mónica Dias, Professora do Instituto de Estudos Políticos da UCP
18h00 - Encerramento

Organização
ECCLESIA
RENASCENÇA





AS TRAPALHADAS COM AS MULHERES NA IGREJA



O Cardeal norte-americano, Joseph William Tobin, arcebispo de Newark, nasceu em 1952. É o mais velho de 13 irmãos, entre os quais, 8 são mulheres. Numa entrevista, revela a sensação generalizada de frustração e retrocesso produzida pela continuada proibição das mulheres receberem as ordens sagradas na Igreja Católica. Vive num país e numa cultura em que todas as áreas da vida se vão abrindo às mulheres, menos na Igreja. Este gênero de obstáculos acaba por as afastar. Está, no entanto, otimista. É desejo do Papa Francisco reconhecer-lhes um papel mais ativo. Esse desejo não se pode realizar, apenas, com algumas nomeações isoladas para certas funções na Cúria Romana. Lembra, de forma astuta, que para alguém ser nomeado cardeal, isto

é, para o próprio governo da Igreja, não é preciso ter o sacramento da Ordem, pois, no século XIX, houve cardeais leigos. Conclusão: não há nenhum obstáculo, de ordem teológica, que impeça a nomeação de mulheres para o cardinalato, para ajudar o Papa no governo da Igreja.

Parece-me uma posição habilitada. Se as mulheres passarem a ter influência na orientação e no governo da Igreja, poderão ajudar a que os argumentos pseudo-teológicos, que as impedem de receber o sacramento da Ordem, sejam revistos e acabem com a ideia da chamada impossibilidade definitiva. Este arcebispo propõe: já que não as deixam entrar pela porta, sugiro que entrem pelo telhado!

Frei Bento Domingues, O.P.

ARCEBISPO DE BOA VISTA FALA DO DIREITO DOS ÍNDIOS

Dom Roque Paloschi arcebispo de Boa Vista (RO), e presidente do Conselho Indígena Missionário (CIMI) falou na Coletiva de Imprensa após a 56ª Assembleia Geral da CNBB que a causa indígena é olhar para a cruz e o mistério do sofrimento. Eles são vilipendiados e vítimas de escárnio no Brasil.

Para exemplificar, o religioso citou o assassinato do professor da etnia Xokleng Marcondes Namblá, morto na cidade de Penha (SC) em janeiro, o assassinato do também professor Daniel Kabixana Tapirapé, em Confresa (MT) no mesmo mês, o incêndio na sede da Fundação Nacional do Índio (Funai) na terra indígena Karipuna, no estado do Rondônia, em fevereiro deste ano. E ainda a ação violenta da Polícia Militar em Passo Fundo (RS), praticada contra 12 famílias do Povo Kaingang, no dia 15 de fevereiro.

Estes casos, segundo dom Palochi, não são isolados mas revelam como estão sendo tratados os povos indígenas no Brasil. O religioso disse que os relatórios anuais que o CIMI publica vem demonstrando regularmente um aumento da violência contra os povos originários, diante de clara omissão dos três poderes da República. Além da omissão, o presidente do CIMI citou as iniciativas que estão em curso e que farão retroceder os direitos dos povos indígenas no Brasil. No Executivo, ele citou parecer vinculante da Advocacia Geral da União (AGU), nº 001/2017, com a finalidade de paralisar processos de demarcação de terras indígenas, bem como anular demarcações já realizadas.

A emenda constitucional nº 95 do governo federal que congela os gastos sociais por 20 anos. O orçamento da Funai, com esta emenda, sofreu corte de 0,018% para 0,02%, o que, evidentemente, enfraquece as ações governamentais para assegurar direitos dos índios.



No poder Legislativo, corre a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 215/2000 que busca transferir do Executivo para o Legislativo a palavra final sobre demarcação de terras indígenas. No Judiciário, debate-se a tese do “marco temporal” que busca restringir o alcance do direito à demarcação das terras indígenas, já que vincula este à presença física, e não tradicional, das comunidades nos seus territórios ao período de 05 de outubro de 1988, data da promulgação da atual Constituição Federal.

O religioso afirmou que este conjunto de ações está sendo coordenado para que haja perda de direitos e mais criminalização de lideranças que lutam pelos direitos dos povos originários no Brasil.

Diante deste quadro, disse dom Roque Paloschi, a Igreja não pode ficar calada, nem se omitir e ficar indiferente aos direitos que estão sendo negados aos nossos nativos e à destruição da mãe Natureza”.

www.ihu.unisinos.br

O BISPO DO XINGU DEFENDE A CONSAGRAÇÃO DE DIACONISAS

Segundo Erwin Kräutler, Bispo do Xingu, em sua maior parte, os católicos da Amazônia só têm acesso a Liturgias da Palavra, razão por que – privados da graça do Sacramento – perdem cada vez mais das celebrações das comunidades protestantes evangélicas e 90% dos fiéis da região não distinguem uma liturgia católica de uma protestante.

A ordenação de homens casados como sacerdotes e a consagração de mulheres como diaconisas são as únicas soluções possíveis para a escassez “horrenda” de sacerdotes na Amazônia. Esse assunto deverá ser abordado no Sínodo dos Bispos da região Panamazônica que será realizada em outubro de 2019, segundo o Bispo do Xingu.

O bispo que nasceu na Áustria e é secretário da comissão do episcopado brasileiro para a região amazônica, revelou à agência austríaca Kathpress, no dia seguinte à convocação do Sínodo pelo Papa Francisco, que a maioria dos católicos da Amazônia só têm acesso a Liturgias da Palavra, razão por que ocorrem cada vez mais às celebrações das comunidades protestantes evangélicas.

No Angelus do dia 15 deste mês, o Papa anunciou que estava convocando o Sínodo para propor “novos caminhos para a evangelização daquela parcela do Povo de Deus, especialmente dos indígenas, fre-



quentemente esquecidos e sem perspectiva de um futuro sereno, inclusive devido à crise da floresta amazônica, pulmão de capital importância para o nosso planeta”. Evangelização que Kräutler acredita não poder ser empreendida sem a ajuda de sacerdotes casados. E também, sem a ajuda das mulheres que atualmente lideram muitas das comunidades católicas da Amazônia, e assim poderiam ser

perfeitamente ordenadas como diaconisas.

Como exemplo de como poderia ser realizada esta colaboração entre os sacerdotes celibatários e casados e as diaconisas, Kräutler citou a proposta de Fritz Løbinger, antigo bispo de Aliwal na África do Sul, segundo o qual as paróquias amazônicas poderiam ser lideradas por “equipes de pessoas mais velhas” selecionadas entre si. O que torna ainda mais urgente

que se chegue logo a uma solução para a escassez de sacerdotes na Amazônia é que, como Kräutler relatou, a única alternativa que foi discutida – a de deslocar sacerdotes do Sul do Brasil para as regiões do Norte – fracassou, pois para os sacerdotes do Sul ficava extremamente difícil adaptar-se à cultura amazônica.

A confirmação de Kräutler a Kathpress de que as questões dos sacerdotes casados e das mulheres diaconisas estarão na agenda dos padres sinodais tem uma credibilidade especial, dado que o bispo do Xingu foi um dos primeiros bispos a anunciar a vontade do Papa de relaxar a disciplina de celibato clerical para a região.

Depois de um encontro com Francisco em 2014, Kräutler revelou que o pontífice lhe havia dito que “não podia fazer tudo pessoalmente de Roma”, e que dependia dos bispos locais – de nós “que conhecemos melhor as necessidades dos fiéis” – fazer “propostas valentes”. Segundo o bispo, Francisco aconselhou-o a “buscar o consenso entre o episcopado sobre qualquer reforma do sacerdócio ou diaconato e depois trazer as suas sugestões a Roma”: precisamente a oportunidade que os bispos da Amazônia terão agora, em outubro de 2019.

Cameron Doody



PAPA FRANCISCO INCENTIVA OS JOVENS A LUTAREM POR SEUS IDEAIS

O Papa Francisco, iniciando serviços da semana santa até a Páscoa, pediu para os jovens continuarem protestando e que não permitam que gerações mais velhas os silencie ou anestesiem seus ideais.

Francisco falou um dia depois que centenas de milhares de jovens norte-americanos foram às ruas pedir o endurecimento de leis sobre o controle de armas de fogo. Os atos foram mobilizados pelos sobreviventes do massacre ocorrido em uma escola na Flórida. O papa não fez menção direta aos manifestantes dos EUA em seu discurso neste domingo.

O líder católico de 81 anos liderou uma procissão para comemorar o dia em que a Bíblia afirma que Jesus foi para Jerusalém e foi chamado de salvador, apenas para ser crucificado cinco dias depois.

Fazendo paralelos bíblicos, Francisco pediu para os jovens na multidão que



o acompanhava para não serem manipulados.

“A tentação de silenciar jovens sempre existiu”, disse Francisco. “Há muitas formas de silenciar jovens e torná-los invisíveis. Muitas maneiras de anestesiá-los, fazê-los ficarem quietos, sem pedirem nada, sem questionarem nada. Há muitas maneiras de sedá-los, e fazê-los não se envolverem, tornar seus sonhos rasos, chatos e mesquinhos”, disse o papa.

“Caros jovens, vocês têm que gritar”, disse o pontífice, pedindo para os jovens que o acompanhavam para serem como as pessoas que receberam Jesus com

palmeiras em vez daquelas que pediram a crucificação dele alguns dias depois.

“Cabe a vocês não ficarem quietos. Mesmo se outros continuarem quietos, se nós velhos e líderes, alguns corruptos, ficarem quietos, se o mundo todo ficar quieto e perder sua alegria, eu pergunto a vocês: Vocês vão gritar?”

E os jovens que o acompanhavam responderam: “Sim!”

Apesar de o papa não ter feito menção aos protestos nos EUA ocorridos um dia antes, ele frequentemente tem condenado a produção de armas e os ataques.

www.vaticannews.va

A IGREJA NO CÁRCERE

Diário e reflexões de um sacerdote nos porões do Dops.

Autor: Padre José Eduardo Augusti (falecido em 1997)

Organização e notas de rodapé: Atilio Brunacci

Além do Diário do padre José Eduardo, o livro: “A Igreja no Cárcere” inclui crônicas, artigos, desabafo e cartas a Dom Agnelo Rossi (na época, cardeal arcebispo de São Paulo e presidente da CNBB) e a Dom Paulo Evaristo Arns, bispo auxiliar de Dom Agnelo (algumas dessas cartas foram digitalizadas a partir do original) escritos no período em que o padre esteve preso no Dops, Departamento de Ordem Política e Social, e no Presídio Tiradentes.

José Eduardo era capelão da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (hoje, UNESP/Botucatu). Em julho de 1968, por ocasião de uma greve dos estudantes e professores dessa faculdade, ele apoiou a greve, foi preso junto com outros estudantes e levado para o Dops em São Paulo. Por força de habeas corpus, foi solto, mas, posteriormente, condenado à revelia. Ficou preso no Presídio Tiradentes com os presos comuns.

Em dezembro de 2012, numa solenidade oficial das “Caravanas da Anistia” (Comissão da Anistia/Ministério da Justiça), Padre José Eduardo foi declarado anistiado político post mortem, com o pedido oficial de desculpas por parte do

Governo Brasileiro. Essa solenidade foi no Memorial da Resistência, o prédio do antigo Dops onde o padre, quando prisioneiro junto com os frades dominicanos, foi barbaramente torturado.

O livro A IGREJA NO CÁRCERE é um importante documento para a história religiosa e política da Igreja paulista e brasileira.

Preço: R\$ 60,00. A venda não tem fins lucrativos. Os valores apurados são destinados a alguma instituição beneficente.



Contato e informações:
atiliobrunacci@gmail.com

GENÁRIO DE FIM DE MUNDO E DA HUMANIDADE

Ciência e Fé, Razão e Fé sempre foram temas de preocupação de Stephen King, físico inglês, falecido aos 76 anos, 14/03/2018, passando a vida em uma cadeira de rodas, acometido por uma doença degenerativa neuro-motora. Aos 21 anos, se comunicando apenas com 2 dedos da mão e alguns músculos faciais. Sua voz robótica era respeitada no mundo inteiro com suas teorias publicadas em “Breve História do Tempo” (10 milhões de exemplares) e “Teoria das Radiações” sobre os buracos negros do Universo, onde foi divulgado num filme “Teoria de Tudo”. Visitado por quatro Papas (Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco), foi agraciado por Paulo VI, para ser sócio da Academia Pontifícia do Vaticano, em 1976, “por suas habilitações acadêmicas”, ao procurar avançar na relação entre Fé e Razão Crítica. O Papa entregou de joelhos a “Condecoração Medalha de Ouro Pio XI” em 1975, quando o físico britânico tinha 33 anos. O Papa Francisco conheceu Hawking durante a apresentação de uma conferência “Sobre a Origem do Universo na Criação - Ciência e Sustentabilidade”. Na cosmologia religiosa “Deus não é apenas outra força no Universo, como gravidade ou eletricidade. Deus é a razão por que espaço, tempo e as leis da Natureza podem estar presentes para que as forças exer-

çam.” “Por que estamos aqui? De onde vimos e para onde vamos? É possível responder a essas perguntas no campo das ciências e de natureza filosófica?”

Os quatro possíveis motivos para o fim do mundo e da humanidade são, segundo Stephen Hawking:

1. Inteligência Artificial (IA) “A criação de máquinas que pensam sozinhas no desenvolvimento de uma IA total pode levar ao fim da raça humana. Os Humanos são limitados por uma evolução bio-

lógica lenta, não poderiam competir e seriam substituídos”.

2. Guerra Nuclear. “A utilização de armas nucleares numa guerra mundial significa o fim da civilização, e talvez da raça humana”.

3. Vírus criado por Engenharia Genética. “Fico preocupado com a Biologia. Armas nucleares precisam de grandes espaços, mas a engenharia genética pode ser alcançada em um pequeno laboratório. Por um acidente ou mesmo planejado, é criado um vírus para nos destruir”.

4. Aquecimento Global. “Seca e devastação de florestas estão reduzindo a quantidade de CO2 que é reciclado na atmosfera. A destruição das calotas polares vai reduzir a quantidade de oxigênio solar de volta para o espaço. O pior cenário possível é que a Terra se transforme em um planeta como Vênus com temperatura de 250º graus na superfície com chuvas de ácido sulfúrico”. “A raça humana não pode viver nestas condições”.

O Argentino George Bergoglio,

Papa Francisco, corrobora no campo religioso na formulação da Cosmologia e Teogonia Teológica, com a publicação da Encíclica “SALVATO SI” (ano 2015) especialmente quando fala na defesa do Planeta Terra - “Nossa Casa Comum” e dos Direitos Humanos (Individuais, Sociais, Estatais e Universais).

Pergunta-se: Como a Humanidade, a Ciência, a Religião, o Estado e os Povos do Mundo Inteiro estão se preparando para o acontecimento do Apocalipse do fim do mundo?

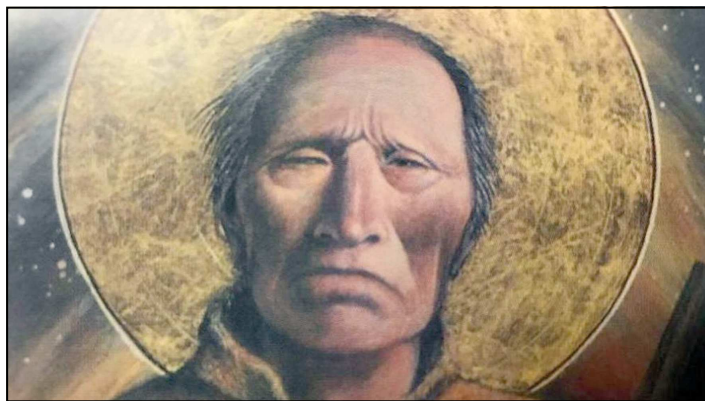
Clovis Antunes



ÍNDIO A CAMINHO DA SANTIDADE

Após o “Lírio dos Iroqueses”, santa Kateri Tekakwitha, a jovem da tribo dos Mohawk, à qual é dedicado o santuário perto de Fonda no Estado de Nova York e venerada em toda a América do Norte, o número de nativos americanos alçados à honra dos altares poderia dobrar. Com efeito, a Conferência Episcopal dos Estados Unidos, reunida na semana passada em Baltimore para a assembleia plenária de outono, a pedido do bispo Robert D. Gruss de Rapid City (Dakota do Sul), deu início à fase diocesana de reconhecimento do servo de Deus, Nicholas Black Elk do povo Lakota, um dos ramos dos índios Sioux que vivem entre Dakota do Norte e Dakota do Sul.

Perseguidos pelos colonizadores durante quase três séculos, os nativos norte-americanos sobreviventes residem em algumas Reservas e obtiveram o reconhecimento dos direitos civis e políticos somente em meados do século XX (Civil Rights Act, de 1964). A partir desse momento, começou um lento e difícil renascimento dessas populações indígenas. Reconhecendo os sofrimentos impostos a esses povos nativos, o Papa Francisco declarou num discurso histórico no Congresso Mundial dos Movimentos Populares em Santa Cruz, Bolívia, durante a sua visita em julho de 2015: “Peço-vos humildemente perdão, não só pelas ofensas cometidas pela Igreja, mas também pelos crimes cometidos contra os povos indígenas durante a chamada conquista da



América” Graças a Black Elk (Alce Negro), nas celebrações eucarísticas, hoje a cultura dos nativos é revivida entre cantos e danças (e, no momento da consagração, o tambor presta homenagem a Cristo, que os Lakota chamam Wanikiya, “Aquele que faz viver”).

Black Elk nasceu às margens do rio Little Powder, na tribo de Oglala Lakota por volta de 1863. As peripécias da sua vida, contou-as ele mesmo em 1932 durante uma longa entrevista, com a ajuda do filho Ben, concedida ao etnólogo e poeta John G. Neihardt, publicada em várias edições (a última data de 2008). Homem da medicina [pajé], Alce Negro converteu-se ao catolicismo em 1904, aos quarenta anos. Foi batizado em 6 de dezembro, festa de São

Nicolau, com o nome de Nicholas William, logo tornou-se catequista. Conhecido por sua memória extraordinária ao citar a Escritura e pela sua eficiência na pregação, as crônicas contam que o seu testemunho de fé contribuiu para mais de 400 conversões.

Nas suas narrativas, conta que aos nove anos de idade, durante uma doença grave, teve a visita das criaturas de Trovão (Wakinyan), representando as seis direções sagradas (oeste, leste, norte, sul, acima e abaixo), “espíritos gentis e amorosos como os antepassados”. Deles e da visão de uma grande árvore que simbolizava a vida na terra e toda a humanidade, “tinha aprendido muitas coisas para ajudar o seu povo”. Durante a visão, recorda ter sido levado ao centro da terra onde havia uma montanha,

um eixo em torno do qual girava toda a esfera celeste: um círculo “grande como a luz das estrelas de dia e das estrelas de noite” rodeava uma grande árvore florida como proteção, paterna e materna, do seu povo de todos os tempos.

Baseado na sua experiência de teatro, fez apresentações com a finalidade de levar aos seus conterrâneos brancos a vida e a cultura do seu povo. Morreu em 19 de agosto de 1950. Na sua paróquia de Pine Ridge, fundada pelos jesuítas em 1890 é tido como santo, inclusive devido à aceitação serena da longa lista de sofrimentos como a morte da primeira esposa, de três filhos e a enteada. “O meu coração agora está triste, mas nunca se tornará mau – escreveu ele numa carta em 1948. Desde quando Wakan Tanka (Grande Espírito) deu luz ao meu coração, ele permanece numa luz que não conhece o caso”.

Em 1885, Black Elk tinha assinado uma petição pela causa de Kateri Tekakwitha, cujo processo de canonização terminou em 2012 por vontade de Bento XVI. Em 14 de março de 2016 chegou às mãos do bispo Gruss de Rapid City uma petição em favor da causa de Black Elk com mais de 1.600 assinaturas. No que diz respeito à Igreja, Black Elk é considerado o autor da fusão ideal entre a cultura Lakota e a cultura católica, o que pode revelar algo da verdadeira natureza e da santidade de Deus. Até agora, a Igreja dos Estados Unidos tem 11 santos, 3 beatos e 11 veneráveis.

Maria Teresa Pontara Pederiva

SEDE DE DEUS



Como o rio que desce da montanha Mata a sede do mar com sua dor Assim eu mato a sede do meu Deus Quando entrego a ele o meu amor.

Minha alma tem fome do Deus Vivo. E o Deus Vivo tem sede do meu ser. Alimento Ele é da minha vida. Sem Ele não há vida em meu viver.

O Eu Sou afirmou: “estou em ti, Sou a vida que move o teu ser. Sou teu ser, tu também estás em mim. Eu sou tronco e tu meu florescer”.

Antônio Müller



Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrecasados.org

FAKE NEWS. A DEMOCRACIA TEM UM PROBLEMA GRAVE

Recentemente surgiram simultaneamente algumas notícias falsas referentes à vereadora carioca assassinada, Marielle Franco. Fake news existem de três tipos. Um é o boato espontâneo, que nasce do nada e se alastra como fogo. Outro, é para fazer dinheiro. A manchete chama atenção, o inocente clica e chega a um site cheio de publicidade. O terceiro tem objetivo político. Várias notícias falsas que surgem com aparência de verdades e que não parecem meros boatos espontâneos. Como não apontavam para site algum, não fizeram dinheiro. O mais provável é que gente com mente criminoso e com objetivo político colocou as histórias no ar. Mas o Facebook não consegue dizer sua origem.

Nem sempre é possível mergulhar no banco de dados e descobrir quem publicou primeiro, ou quem fez os compartilhamentos iniciais. Não dá para mapear o percurso da fake news de cunho político ou não. É o que explica Monika Bickert, uma das vice-presidentes globais da plataforma, que esteve essa semana no Brasil. Ela recebeu um grupo de jornalistas na sede do Facebook, em São Paulo, para conversar sobre as políticas de comportamento na rede. Mas o escândalo envolvendo a Cambridge Analytica, o mau uso de dados de 50 milhões de pessoas, assim como a possível manipulação de inúmeras eleições por grupos que usaram a plataforma, dominou a conversa.

O Facebook está sentindo a pressão. Não é à toa que Mark Zuckerberg, em entrevista na quarta à emissora CNN, citou



especificamente a eleição presidencial brasileira. É um dos focos de atenção.

O mundo está atento à relação entre tecnologia e política. Atento e, convenhamos, perdido. Porque por trás de cada parlamentar que protesta, entre Londres e Washington, há mais dúvidas do que certezas. Em cada texto de especialista em tecnologia, está sempre o imponderável. Ninguém, fora do Facebook, conhece como funciona o sistema Facebook. É uma surpresa, por exemplo, que não seja tecnicamente possível descobrir quem planta fake news.

A empresa parece realmente preocupada. O problema, no entanto, não vai embora. O que o Facebook está dizendo, essencialmente, é: confie em nós.

Diz ‘confie em nós’ sem explicar em detalhes o que seus estudos a respeito da interferência nas eleições americanas revelaram. Diz ‘confie em nós’ ao mesmo tempo em que o alto executivo responsável

pela segurança está demissionário porque acredita que a empresa deveria ser mais transparente. Diz ‘confie em nós’ ao mesmo tempo em que admite ter sido pego de surpresa pelas ações de uma empresa de marketing eleitoral com práticas de todo antiéticas. Não temos como saber qual a eficácia das táticas da Cambridge Analytica. Não temos porque não conhecemos em detalhes o que o Facebook descobriu.

Não sabemos o que o Facebook sabe. Não sabemos o que o Facebook ainda desconhece.

E o problema é o seguinte. A praça pública, aquele ambiente fundamental às democracias onde a política é debatida e os argumentos e dados que informam as opiniões circulam, é o Facebook. E, aqui no Brasil, o WhatsApp, que pertence ao Face. A praça pública é privada e opaca. Temos um problema muito sério para ser resolvido.

Pedro Doria

A MENOR BASÍLICA DO MUNDO

Ermida do século XVIII, no estado brasileiro de Minas Gerais, recebe o título de basílica. Para exaltar a piedade.

Os católicos de Minas Gerais ganharam um presente de Natal do Papa Francisco: duas igrejas do conjunto arquitetônico do Santuário Nossa Senhora da Piedade, na cidade brasileira de Caeté, receberam o título de basílica. A singela capela do século XVIII, a Ermida da Padroeira, passa a se chamar Basílica Ermida da Padroeira de Minas Gerais – Nossa Senhora da Piedade, e será a menor basílica do mundo; e a Igreja das Romarias, erguida na década de 1970 para acolher grandes peregrinações, se torna a Basílica Estadual Nossa Senhora da Piedade – Padroeira de Minas Gerais. “A Serra, onde ficam as basílicas, é o coração de Minas, pois retine a fé católica, a riqueza ambiental, o solo rico em ouro e o



conjunto do santuário”, diz dom Walmor de Azevedo, arcebispo de Belo Horizonte. “Estou muito feliz, porque é o reconhecimento do Papa Francisco para um lugar de grande singularidade e expressividade, que une a história de dois séculos e meio à força espiritual do povo. As duas igrejas agora estão ligadas à missão do Papa”, afirma o prelado.

Rafael Marcoccia

A TRANSIÇÃO CATÓLICA E A SECULARIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

O Instituto Latino barômetro divulgou, em 12 de janeiro de 2018, por ocasião da visita do Papa Francisco ao Chile, uma pesquisa sobre as tendências religiosas, especialmente do catolicismo, na América Latina e Caribe (ALC). A América Latina tinha 4 países onde a Igreja Católica possuía uma representação abai-

xo de 50% da população em 2013 e passou para 7 países, em 2017. No conjunto, o catolicismo está passando de altas para baixas taxas de afiliação na região.

“O Brasil é o maior país católico do mundo e a ALC é o continente mais católico do Planeta. A queda acentuada de católicos poderá ter uma grande implicação para a correlação de forças internacionais entre as grandes religiões globais. Parece que o Papa Francisco – primeiro Pontífice latino-americano – não está conseguindo reverter essa situação e o Chile é um exemplo de desgaste da Igreja católica”, escreve José Eustáquio Diniz Alves, doutor em demografia e professor titular do mestrado e doutorado em População, Território e Estatísticas Públicas da Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

ENCE/IBGE



CEARÁ VAI USAR ÁGUA DO MAR PARA CONSUMO

A seca histórica que há seis anos não dá trégua à Região Nordeste levou o governo do Ceará a adotar uma medida extrema para garantir o abastecimento humano de água. O governo cearense decidiu instalar, no litoral de Fortaleza, uma unidade de dessalinização da água do mar, para complementar o atendimento à população. O plano é que, até 2020, parte dos habitantes da cidade passe a matar a sede bebendo água do mar.

Até maio, o Estado vai receber dois estudos técnicos sobre o projeto, que tem orçamento estimado em cerca de R\$ 500 milhões. Uma empresa sul-coreana e outra espanhola foram escolhidas no fim de 2017 para apresentar propostas de engenharia, com indicação do melhor modelo tecnológico para retirar o sal da água e o melhor local para sua instalação.

A meta do governo é de que a água retirada do Oceano Atlântico atenda pelo menos 720 mil habitantes de Fortaleza. A capital consome hoje cerca 8 m³ de água por segundo. A planta de dessalinização tem projeção de entregar 1 m³ de água tratada por segundo, o equivalente a 12% do consumo na cidade.

Ao Estado, o secretário de Recursos Hídricos do Ceará, Francisco Teixeira, dis-

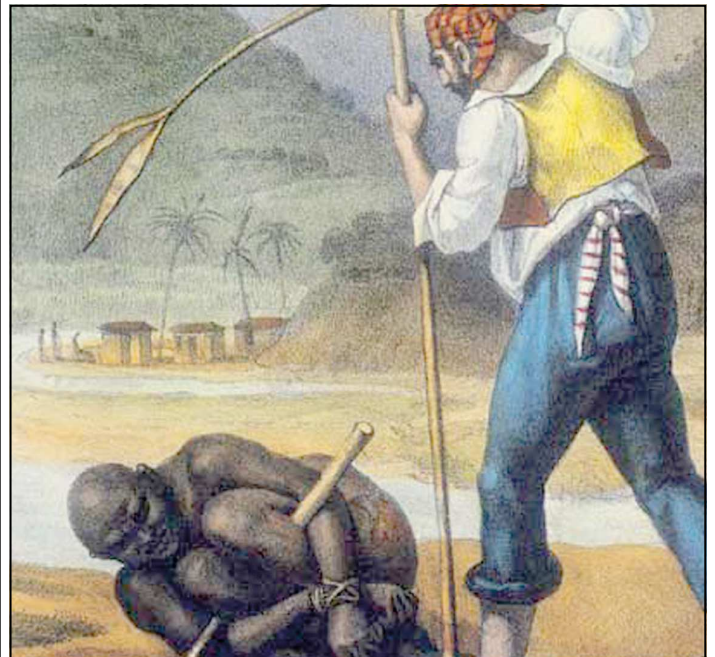
se que o empreendimento vai a leilão no segundo semestre, com previsão de entrar em operação em dois anos. “Vivemos em uma cidade do tamanho de Fortaleza, que tem 2,610 milhões de habitantes, em um Estado do Semiárido, olhando para o mar. A alternativa de futuro que temos é complementar o abastecimento humano com a dessalinização da água do mar. Não temos mais dúvidas disso”, disse ele, ex-ministro da Integração Nacional.

O plano do governo é contratar uma empresa para construir e ficar responsável pela operação. A contrapartida estadual será a de comprar toda água tratada por essa empresa, que se ligará a um ponto de distribuição da Companhia de Água e Esgoto do Ceará (Cagece).



André Borges

BRASIL, AINDA À SOMBRA DA ESCRAVIDÃO



Como entender que um País com 8,5 milhões de km², clima ameno, terras na maior parte cultiváveis, grande exportador de minérios e produtos agrícolas, um dos maiores produtores de pedras preciosas e minerais raros, em grande parte contrabandeados, abundância de rios e de chuvas e, por outro lado, com mais de 50% de sua população vivendo em estado de pobreza, com grande concentração de renda, de terras e de capital. Penetrar no porquê desse atraso econômico, levantar as causas da pobreza e os elementos que impedem vencer o subdesenvolvimento.

Minha percepção parece clara, mas de difícil análise, uma vez que os problemas relacionados ao atraso econômico permeiam as questões históricas, culturais e políticas que cerceiam a arrancada para o desenvolvimento. Não se pode entender a cultura colonialista impregnada em todas as camadas sociais, caracterizada em um aceite tácito das camadas mais pobres e exploradas das vantagens amealhadas pelas camadas mais aquinhoadas, que se sentem superiores e com privilégios grotescos percebidos como direitos adquiridos. Essa complexa realidade, nem sempre entendida, mas tacitamente aceita de dependência econômica e de exploração de oportunidades que favorecem as elites política e empresarial detentoras dos meios de produção, explica, de certa forma, porque os governos voltados para a solução de problemas sociais e para o desenvolvimento nacional com base nos recursos internos tenham sofrido forte oposição e até mesmo golpe de estado, com apoio do próprio povo, doutrinado pela mídia conivente, como ocorreu nos dois golpes contra Getúlio Vargas, em 1945 e 1954, contra João Goulart em 1964 e, agora, contra o PT, antecedido por dois anos de campanha midiática negativa contra o governo Dilma. O caráter nacionalista e com preocupações sociais dos três governos derubados chamou minha atenção para o colonialismo

que impregna o modo de ser, de pensar e de operar, não apenas de empresas estrangeiras, mas também das empresas nacionais, que pagam salários aviltantes e levam os lucros para fora do País, sem contar a sonegação de impostos praticada através de mecanismos legais, graças à facilidade de abertura de empresas offshore em paraísos fiscais, e práticas ilegais como caixa dois e as mais variadas formas de corrupção, que frequentemente ocorre nas relações público-privadas. O comportamento empresarial maximizador de lucros e de oportunidades é facilmente compreensível, quando não há leis suficientemente seguras para defender os interesses do País. Os interesses de governos americanos que sempre se imiscuiram nas políticas dos demais países da América Latina e os interesses estrangeiros de aumentar seu poderio econômico em economias mais frágeis é, também, compreensível, embora não aceitável. Em tudo isso, o mais difícil de ser entendido e de se analisar é o que chamo de colonialismo cultural embutido no modo de ser da sociedade e que constituirá o objeto maior na análise do subdesenvolvimento brasileiro, que pretendo fazer em um próximo livro.

De onde vem essa ignorância maleável das massas, que se deixam manipular com tanta facilidade pela mídia, que atua acima de tudo na defesa dos interesses das elites? O País que cai sem lutas é um país de escravos e o povo que não assume seu lugar na história permanece à sombra do progresso, sem jamais alcançar a liberdade e o progresso social. Termino com a frase do economista argentino Raúl Prebich: “despertar o patriotismo no seu povo é o primeiro passo para uma Nação chegar ao desenvolvimento”. Na verdade, um País cujo povo não tem patriotismo é um País sem alma e jamais consegue firmar-se como Nação soberana e progressista frente à comunidade das nações.

Antônio Müller

ONDAS DE CALOR MARINHAS EM ASCENSÃO

Um estudo constatou que, de 1925 a 2016, a frequência de ondas de calor marinhas aumentou em média 34% e a duração de cada onda de calor aumentou em 17%. Juntos, isso levou a um aumento de 54% no número de dias de ondas de calor marinhas a cada ano.

Alvin Stone



O SÍNODO DEVE OUVIR OS JOVENS PARA MUDAR A IGREJA

“Para mim, disse Francisco, é muito importante que o próximo Sínodo dos Bispos, que tem a ver com os “jovens, a fé e o discernimento vocacional”, seja preparado com uma verdadeira

escuta aos jovens. E posso atestar que isso já está sendo feito”, explicou. “Também vocês estão demonstrando isso para mim, com o trabalho que está sendo realizado na diocese de vocês – con-

tinuuou o Pontífice. E quando digo ‘verdadeira escuta’, também me refiro à vontade de mudar alguma coisa, de caminhar juntos, de compartilhar sonhos, como disse aquele jovem”.

“Mas eu também tenho o direito de fazer perguntas, também eu quero fazer-lhes uma pergunta – disse Bergoglio. Vocês, com razão, perguntam se nós, bispos, se estamos dispostos a ouvi-los e mudar alguma coisa na Igreja. E eu lhes pergunto: vocês estão dispostos a ouvir Jesus e a mudar algo de si mesmos? Se estão aqui, eu acredito que sim, mas eu não posso e nem quero dar isso como certo”.

Vatican Insider



PARTIDOS BRASILEIROS PODERIAM SER REDUZIDOS A 2

Uma explicação comum para justificar o grande número de partidos políticos no Brasil é o fato de o país ser grande e heterogêneo. Portanto, várias legendas seriam necessárias para representar os diferentes grupos que fazem parte da sociedade.

Mas não é isso que mostra uma pesquisa inédita da Universidade de Oxford, no Reino Unido, em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), segundo a qual apenas dois partidos já seriam suficientes para representar a sociedade brasileira no Congresso Nacional.

“Tem muitos partidos desnecessários no Brasil, em termos de representação ideológica. Quando um partido é criado, normalmente é para atender a um grupo ideológico pouco representado, dar voz a grupos. Mas não é o que está acontecendo. Os partidos no Brasil estão sendo criados por outras razões, não para defender bandeiras”, afirmou à BBC Brasil o professor Timothy J. Power, diretor do Progra-



ma de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford.

Seria possível dividir esses partidos em dois grupos, um de centro-direita, composto pelo chamado “centrão”, além de PP, PR, PSDB e MDB, e outro de centro-esquerda, formado por partidos como PT, PC do B e PDT. O bloco de centro-direita têm hoje 60% das cadeiras na Câmara dos Deputados, e o de esquerda, 40%.

“No campo das ideias, dois partidos são suficientes e representariam razoavelmente e de forma coerente a sociedade. Um estaria mais à esquerda e outro mais à direita”, disse o professor César Zucco à BBC Brasil.

Power traça um para-

lelo da distribuição atual de cadeiras no Congresso entre centro-direita e centro-esquerda com o cenário partidário do Brasil em 1979, ainda no regime militar, quando havia apenas dois partidos com representação no Congresso.

“Se você pensar, é parecido com o Brasil em 1979. Tinha dois partidos na época. O Arena (partido governista), com 60% das cadeiras, e o MDB (que fazia oposição ao governo militar), com 40%. Nós vemos a mesma coisa hoje: existem dois grupos, sendo que o de centro-direita tem maior representação no Legislativo”, afirma.

Nathalia Passarinho

A VIRADA PROFÉTICA DE FRANCISCO

Entrevista com o Dr. Austen Ivereigh, autor de uma biografia autorizada do Papa Francisco.

A determinação do Papa para renovar fundamentos da Igreja é óbvia e se manifesta de muitas maneiras. Seu projeto é muito claro. A ambição, imensa. Para ele, o núcleo central da reforma está naquilo que o documento da famosa Conferência de Aparecida (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 2007) chama de “conversão pastoral” e que também é discutida na sua Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (2013). Uma mudança de cultura e de mentalidade no catolicismo. Esse é o seu grande projeto, com o qual ele chegou ao Conclave de 2013.

No momento, estou escrevendo a sequência de Francisco, o grande reformador, e aí desenvolvo a ideia de que o perigo é focar no Papa, porque é a figura de proa. Nem seu pensamento, nem seu projeto são realmente originais: eles foram forjados pela Igreja latino-americana em 2007 e são o resultado de um longo discernimento realizado por essa mesma Igreja. O êxito de sua reforma deve ser avaliado pelo prisma da conversão pastoral. As reformas institucionais e as mudanças no governo são apenas meios lançados para este fim.

As mudanças na Igreja Católica são lentas. A Igreja não é uma multinacional, com um executivo na cúpula e que obtém a aplicação imediata de suas ordens. Como pudemos constatar com a acolhida que foi

reservada à Exortação Apostólica Amoris Laetitia (2016), as resistências ao que vem de Roma são, muitas vezes, grandes. Eu estou convencido de que esse Pontificado é o primeiro de uma nova era na Igreja. Nós estamos passando daquilo que, em 2013, ainda era um modelo de governo da Igreja de tipo europeu (monárquico ou imperial) para um modelo de serviço universal.

O Papa está convencido de que a Igreja universal deve se colocar à escuta das vozes da periferia, porque é ela que molda o centro – como Jesus, vindo de Belém... No olhar de Francisco, Cristo é mais visível nas periferias, onde há pobreza, sofrimento e marginalidade.

Se o sucesso da reforma repousar sobre a aquiescência universal do clero, diz Austen, então é evidente que é um fracasso. Mas eu vejo as coisas de maneira diferente: compreendo essas resistências como um sinal do efeito de suas reformas. É preciso também buscar compreender as razões da ira desses padres e velhos cardeais. Nos Estados Unidos, Francisco é julgado em relação à divisão progressistas/conservadores do pós-Vaticano II, e considerado como aquele que enfraquece a doutrina, o que é falso. A outra causa de rejeição, mais profunda, é que esses padres se sentem desafiados no plano existencial, na visão que eles têm da Igreja e de si mesmos. Ser excelente no nível litúrgico e ortodoxo no plano da fé não é mais suficiente. Se a Igreja leva a Evangelii Gaudium a sério, isso



não é um problema, porque há também leigos engajados. Francisco repete sem cessar que o maior obstáculo à conversão pastoral é o clericalismo. Na futura Igreja, os leigos, homens e mulheres, são chamados a serem os principais evangelizadores. Em relação à falta de padres, se a Igreja responder a esse apelo missionário indo ao encontro das pessoas, das periferias, ela experimentará um renascimento, talvez não de imediato, mas a longo prazo, com certeza.

Como Francisco coloca o acento na misericórdia, os conservadores pensam que

ele é menos rigoroso em matéria de doutrina. Não percebem que sua concepção de misericórdia é profundamente espiritual: ela se assenta em sua própria experiência de como Deus age nas vidas. Essa é a chave. Na sua própria vida, ele provou que a misericórdia divina precedeu o reconhecimento de seus próprios pecados e sua necessidade de conversão. Portanto, ele quer colocar a misericórdia em primeiro lugar, porque ele pensa que sem ela não há espaço necessário para a conversão.

Marie-Lucile Kubacki

CRENTES E NÃO CRENTES CELEBRAM OS 90 ANOS DE HANS KÜNG



Completou 90 anos, no dia 19 de março, um dos maiores teólogos do século XX, aquele que certamente suscitou o mais intenso (e fecundo) debate na Igreja desde o pós-Concílio: trata-se de Hans Küng (nascido em Sursee, na Suíça, em 19 de março de 1928). Padre, teólogo, professor universitário foi forçado, desde dezembro de

1979, a abandonar o ensino na Faculdade Teológica de Tübingen por causa de suas teses contra a infalibilidade papal.

A revogação da missio canônica, isto é, a autorização para ensinar nas universidades católicas, foi um dos primeiros atos do pontificado de João Paulo II.

Valério Gigante

POR QUE OS JOVENS DEIXAM A IGREJA CATÓLICA?

No Rumos 254 Publicamos uma pesquisa sobre os motivos da evasão de jovens na Igreja Católica. Numa pesquisa realizada nos Estados Unidos, os jovens que deixam a Igreja foram divididos em três grupos, de acordo com as causas apontadas: conflitos familiares (machucados), descontentamento com ritos e rituais sem sentido (flutuadores) e resistência mais ativa a alguns ensinamentos católicos (dissidentes).

Embora o estudo tenha levantado a questão dos dissidentes, que não mais aceitam certos ensinamentos católicos não ficou claro que a Igreja tenha consciência de sua própria responsabilidade na evasão da juventude. De nada adianta falar em secularização e em rebeldia dos jovens. Se a Igreja não mudar suas teologias, seu modo de ver e interpretar o mundo, de aterrorizar as consciências com infernos e demônios, dar respostas inadequadas para questões que incomodam os jovens a Igreja vai continuar perdendo essa faixa etária e, com o tempo, fechando as portas de inúmeras igrejas.

Quando os jovens começam a estudar Física, Química, Astronomia, Antropologia entram, necessariamente em conflito com teorias da Igreja como criacionismo, pecado original, origem da morte do homem, submissão da mulher ao homem, remissão dos pecados pelo sangue de Cristo.

Todas essas questões de-



vem ser vistas como teorias que tentam explicar nossa realidade. Como teorias não podem ser transformadas em dogmas, ou impostas em nome da fé. A Igreja deve ter a humanidade, como todo homem deve ter, de reconhecer sua ignorância e limitação para desvendar os mistérios de Deus. A ética não pode continuar sendo imposta em nome do pecado e do inferno. Ela é muito importante e ultrapassa o âmbito das religiões. Deve ser colocada em nome do valor e da honra do próprio ser humano, como era antigamente. Enquanto a Igreja tinha o domínio das consciências foi importante para manter um certo comportamento ético. Com o esvaziamento do seu poder espiritual, diante do confronto com a Ciência que derruba muitas de suas teologias, deixando-a desacreditada, promove a evasão da juventude num momento que a juventude vive mais intensamente a angústia da procura por respostas existenciais mais consistentes.

O que digo não é um ataque à Igreja. Seria muito fácil para ela mudar seus conceitos. O Concílio Vaticano II já falava em Aggiornamento, em inserção no mundo. Em 1970 nós éramos profundamente questionadores de certas teorias. Mas depois parece que houve um passo atrás. Em vez de avançar a Teologia fechou-se e continuou apelando para argumentos de fé. Mas não é por aí que os padres se firmam como arautos do Evangelho. A Fé não pode ser burra. Ela começa onde termina a Ciência, não se opõe à Ciência falando em nome de verdades Bíblicas. O próprio conceito de palavra de Deus deve ser visto com mais cuidado, para não se atribuir à Deus coisas que não passam de caprichos do homem. Considerar a Bíblia como palavra de Deus, strictu sensu, e como tal inquestionável, pode levar a se criar uma sociedade opressora e fundamentalista, o que na História já levou à Inquisição e à muitas guerras.

Antônio Müller

MENSAGEM DA CNBB AO POVO DE DEUS



O que vimos e ouvimos nós vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo (1Jo 1,3)

Em comunhão com o Papa Francisco, nós, Bispos membros da CNBB, reunidos na 56ª Assembleia Geral, em Aparecida – SP, agradecemos a Deus pelos 65 anos da CNBB, dom de Deus para a Igreja e para a sociedade brasileira. Convidamos os membros de nossas comunidades e todas as pessoas de boa vontade a se associarem à reflexão que fazemos sobre nossa missão e assumirmos conosco o compromisso de percorrer este caminho de comunhão e serviço.

A Igreja fundada por Cristo é mistério de comunhão: “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (São Cipriano). Como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela (cf. Ef 5,25), assim devemos amá-la e por ela nos doar. Por isso, não é possível compreender a Igreja simplesmente a partir de categorias sociológicas, políticas e ideológicas, pois ela é, na história, o povo de Deus, o corpo de Cristo, e o templo do Espírito Santo.

Em sua missão evangelizadora, a CNBB vem servindo à sociedade brasileira, pautando sua atuação pelo Evangelho e pelo Magistério, particularmente pela Doutrina Social da Igreja. “A fé age pela caridade” (Gl 5,6); por isso, a Igreja, a partir de Jesus Cristo, que revela o mistério do homem, promove o humanismo integral e solidário em defesa da vida, desde a concepção até o fim natural. Igualmente, a opção preferencial pelos pobres é uma marca distintiva da história desta Conferência. O Papa Bento XVI afirmou que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza”. É a partir de Jesus Cristo que a Igreja se dedica aos pobres e marginalizados, pois neles ela toca a própria carne sofredora de Cristo, como exorta o Papa Francisco.

A CNBB não se identifica com nenhuma ideologia ou partido político. As ideologias levam a dois erros nocivos: por um lado, transformar o cristianismo numa espécie de ONG, sem levar em conta a graça e a união interior com Cristo; por outro,

viver entregue ao intimismo, suspeitando do compromisso social dos outros e considerando-o superficial e mundano (cf. Gaudete et Exsultate, n. 100-101).

Ao assumir posicionamentos pastorais em questões sociais, econômicas e políticas, a CNBB o faz por exigência do Evangelho. A Igreja reivindica sempre a liberdade, a que tem direito, para pronunciar o seu juízo moral acerca das realidades sociais, sempre que os direitos fundamentais da pessoa, o bem comum ou a salvação humana o exigirem (cf. Gaudium et Spes, 76). Isso nos compromete profeticamente. Não podemos nos calar quando a vida é ameaçada, os direitos desrespeitados, a justiça corrompida e a violência instaurada. Se, por este motivo, formos perseguidos, nos configuraremos a Jesus Cristo, vivendo a bem-aventurança da perseguição (Mt 5,11).

A Conferência Episcopal, como instituição colegiada, não pode ser responsabilizada por palavras ou ações isoladas que não estejam em sintonia com a fé da Igreja, sua liturgia e doutrina social, mesmo quando realizadas por eclesiásticos.

Neste Ano Nacional do Laicato, conclamamos todos os fiéis a viverem a integralidade da fé, na comunhão eclesial, construindo uma sociedade impregnada dos valores do Reino de Deus. Para isso, a liberdade de expressão e o diálogo responsável são indispensáveis. Devem, porém, ser pautados pela verdade, fortaleza, prudência, reverência e amor “para com aqueles que, em razão do seu cargo, representam a pessoa de Cristo” (LG 37). “Para discernir a verdade, é preciso examinar aquilo que favorece a comunhão e promove o bem e aquilo que, ao invés, tende a isolar, dividir e contrapor” (Papa Francisco, Mensagem para o 52º dia Mundial das Comunicações de 2018).

Deste Santuário de Nossa Senhora Aparecida, invocamos, por sua materna intercessão, abundantes bênçãos divinas sobre todos.

Aparecida-SP, 19 de abril de 2018.
Cardeal Sergio da Rocha, Arcebispo de Brasília – DF, Presidente da CNBB
Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, SCJ, Arcebispo de São Salvador da Bahia, Vice-Presidente da CNBB

FAREMOS AS PRIMEIRAS VIAGENS INTERPLANETÁRIAS NO ANO QUE VEM

O cofundador da empresa aeroespacial Space X e presidente da montadora de carros elétricos Tesla, Elon Musk, afirmou que a Space X poderá fazer suas primeiras viagens interplanetárias a partir de 2019. Segundo o executivo, a empresa está trabalhando na aeronave para iniciar as viagens para Marte e que isso será possível graças à redução drástica dos custos de lançamentos, possibilitada pela tecnologia de reaproveitamento de foguetes, na qual a Space X foi pioneira. Visitar a Lua também está nos planos do executivo.

“Queremos mostrar para os países e para as pessoas que é possível. “No início vai ser muito difícil, a chance de morrer será grande, mas vão aparecer muitas oportunidades para quem sobreviver.”

Musk se referiu a um foguete com capacidade para até cem pessoas que ele descreveu no ano passado como parte de seu conceito de Sistema de Transporte Interplanetário. O novo modelo está em desenvol-



vimento e, até o momento, ele não divulgou nenhuma previsão de quando os primeiros voos seriam feitos. Quando revelou a tecnologia pela primeira vez, o executivo também afirmou que esse mesmo foguete poderia ser usado para transportar pessoas entre cidades distantes na Terra em poucos minutos.

O que nós esperamos é que seja uma parte do próximo capítulo da história da humanidade”, disse Elon.

Feito a partir de três

foguetes Falcon 9, um modelo anterior da empresa, o Falcon Heavy é hoje o maior foguete do mundo.

O modelo é capaz de carregar até 70 toneladas, a um custo de US\$ 90 milhões por lançamento – um quarto do custo do maior foguete existente na frota americana hoje, o Delta 4. A principal vantagem do foguete da Space X é poder reutilizar suas turbinas – que retornam à Terra após o lançamento.

Claudia Tozetto

MISSIONÁRIO PROPÕE PROJETO PARA A AMAZÔNIA

Na semana passada, um missionário italiano octogenário, padre João Mometti, há 61 anos na Amazônia, e por mais de 30 atuando junto a portadores de Hanseníase, encontrou Francisco e apresentou-lhe um projeto para a preservação da floresta amazônica.

Padre João ilustrou esse projeto para Silvonei Protz, da Rádio Vaticano em outubro de 2017.

Nosso projeto chama-se “Novo Moisés”, porque até agora tem se dado muita importância para as plantas. Quando se fala da Amazônia, logo falam: “Oh, estão destruindo-a, estão acabando com ela!”. Eu sempre digo que tudo ainda pode ser salvo, porque a Amazônia se recupera com grande força. Então, em minha opinião, a riqueza da Amazônia não está somente nas plantas, que nos dão o oxigênio, mas está principalmente na água: a água doce da Amazônia chega perto de 30% da água doce do mundo, de modo que nosso projeto baseia-se na riqueza de água. Chamei o projeto de “Novo Moisés” porque, como Moisés foi salvo pelas águas do rio Nilo, assim poderá ser com “Novo Moisés”, que são os nossos ribeirinhos, as pessoas que vivem perto dos nossos rios, a grande bacia amazônica, o corpo de água doce no mundo; a Amazônia tem 218 afluentes, que são rios... o rio Pó (na Itália) diante destes rios é um regato! Portanto, são 218 afluentes e em todos esses 218 afluentes pode ser feito esse projeto.

Em que consiste esse projeto?

Aproveitar da terra para fazer um pe-



queno lago, de um hectare. Vamos imaginar que para criar gado, para cada cabeça de gado dever-se-ia derrubar um hectare de floresta e o que rende essa floresta, esse animal? Em um ano, rende 250 kg de carne. Mas com o nosso projeto, que é feito com água, na água - mas fazendo uma barragem na borda, um laguinho com barragem – pode-se produzir mais de 40 toneladas de alimentos em um hectare: 250 kg de carne derrubando a floresta e 40 toneladas com a água. Por quê?

Porque fazemos um laguinho, dentro deixamos uma área plana para o arroz, fazemos três colheitas de arroz por ano, cada colheita de 5 toneladas, portanto só ali já temos 15 toneladas de alimentos. Depois colocamos lá dentro os peixes, 10.000 alevinos de tambaqui, que é o peixe nobre da Amazônia: em um ano isso rende 2, 3 kg. Então, se são 10.000, ali temos 30 toneladas de peixe. Além disso, temos aqueles que formam o plâncton para a Amazônia, que são os porcos ou os animais domésticos; então, chega-se a mais ou menos 50 toneladas de alimentos por hectare. Este é o projeto “Novo Moisés”.

Padre João

BRASIL: 2 MILHÕES DE TONELADAS DE RESÍDUOS ANUAIS CHEGAM NO OCEANO



Cerca de 80% dos resíduos encontrados nos oceanos têm origem nas cidades.

Os oceanos recebem anualmente mais de 25 milhões de toneladas de resíduos e correspondem ao lixo que não é coletado e tem destinação inapropriada. No Brasil, 2 milhões de toneladas desses resíduos por ano chegam aos oceanos, volume equivalente a encher 7 mil campos de futebol ou 30 estádios do Maracanã da base até o topo. O restante dos resíduos que chega aos oceanos é das indústrias marítima e pesqueira.

Os dados são de estudos da Associação Internacional de Resíduos Sólidos (ISWA, sigla em inglês), em parceria com a Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (Abrelpe), que associam a poluição marinha à falta de boas práticas na gestão de resíduos sólidos nas cidades.

“Esses 80% dos resíduos de origem das cidades resultam da ineficiência dos serviços de gestão de resíduos nas cidades ou são fruto direto da irresponsabilidade da população, que descarta qualquer coisa de maneira indiscriminada no meio ambiente”, avaliam as duas instituições.

No estudo, há estimativa de que entre

500 milhões e 900 milhões de toneladas de resíduos não sejam coletadas no mundo. Segundo os responsáveis pela pesquisa, os fragmentos desses resíduos eventualmente se transformarão em micro e nano partículas, que estão além das nossas habilidades para controlar, mas causam um imenso impacto negativo nos oceanos.

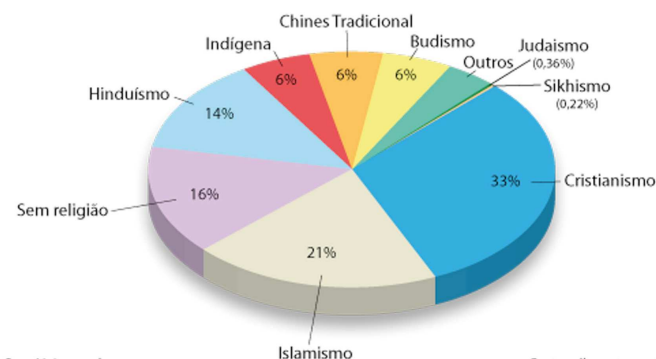
“O lixo existente no ambiente marinho já é um desafio global semelhante às mudanças climáticas. E o problema, que vai muito além daquilo que é visível, está presente em quase todas as áreas costeiras do mundo, trazendo desequilíbrio tanto para a fauna e flora marinhas e comprometendo esse recurso vital para a humanidade”, observou Antonis Mavropoulos, presidente da ISWA.

O relatório ressalta ainda que, para cada tonelada de resíduo de plástico descartado, até 7 quilos (kg) vão parar nos oceanos. “O documento analisa como a falta de infraestrutura e práticas inadequadas de gerenciamento de resíduos, particularmente em países em desenvolvimento, são uma falha sistêmica fundamental na luta contra o lixo marinho”, disse Carlos Silva Filho, diretor-presidente da Abrelpe.

Camila Boehm

IGREJA CATÓLICA NO MUNDO

Religiões do Mundo



GracaMaior.com.br

Fonte: adherents.com (2005)

É a maior instituição caritativa do planeta.

Ela mantém na Ásia: 1.076 hospitais – 3.400 dispensários – 330 leprosários – 1.685 asilos – 3.900 orfanatos – 2.960 jardins de infância.

Na África: 964 hospitais – 5.000 dispensários – 260 leprosários – 650 asilos – 800 orfanatos – 2.000 jardins de infância.

Na América: 1.000 hospitais – 5.400 dispensários – 50 leprosários – 3.700 asilos – 2.500 orfanatos – 4.200 jardins de infância.

Na Oceania: 1.230 hospitais – 2.450 dispensários – 4 leprosários – 7.970 asilos – 2.370 jardins de infância.

Beatriz- www.terra.com.br



O PAPA DEFENDE QUE A “UNIÃO CIVIL” DOS HOMOSSEXUAIS É POSSÍVEL

Wolton esteve acompanhado pelo sociólogo Víctor Pérez-Díaz e pelo cardeal de Madri, Carlos Osoro, moderados por José Luis Restán, que não evitou surpreender-se com algumas afirmações feitas pelo autor da obra. Livro em que Francisco conversa, e inclusive discute, com seu parceiro, sobre a globalização, as redes sociais, os riscos para a paz no mundo, a fraqueza e o cansaço da Europa, os populismos ou o papel dos intelectuais.

“Francisco não exigiu nenhuma condição, não me fez nenhuma censura. Apenas me pediu para omitir o nome de um casal homossexual argentino para impedir que fossem identificados”, disse durante a apresentação. “O Papa fala com liberdade e inconformismo, com amor ao povo e aos pobres, com raiva das injustiças, confiança nas novas Igrejas, apesar da fragilidade, e o desejo de que a Europa deixe de ser uma avó”, afirmou.

“Francisco quer construir pontes, está convencido do papel das mulheres na cúria, defende que a união civil para os homossexuais é possível e que haverá homens casados na Igreja”, disse o sociólogo, para espanto de alguns dos presentes e a alegria de outros. “Em Santa Marta, me disse: ‘Não é fácil, Dominique’”.

“Qual é o principal pecado?, perguntei-lhe. E sua resposta: ‘Tudo o que está abaixo

da cintura é menos importante, e se um padre lhe perguntar: por quê? Com quem? Ou, como... levem esse padre a um psicólogo”

O cardeal Osoro, por sua vez, agradeceu ao autor por “ter sido capaz de me colocar na mesma atmosfera que o texto dos discípulos de Emaús”. “Precisamos ir ao encontro de todas as situações, aproximar-se e fazer-se próximo. Mas a aproximação não pode ser de qualquer jeito. Precisamos fazê-la amando esse caminho, amando a si mesmo”, acrescentou o arcebispo de Madri.

A leitura deste livro “faz com que me encontro com alguém que me impulsiona a tarefas, a projetos, me dá esperança, em suma, é aquilo que experimentaram os discípulos de Emaús”, acrescentou Osoro.

O cardeal deu quatro chaves de leituras para Política e sociedade: “Em primeiro lugar, um chamado para apaixonar-se, para construir a casa comum de todos os homens, a fraternidade universal, o respeito à sacralidade da vida humana”, disse Osoro, que aludiu a quanto “o futuro da humanidade depende em grande medida da capacidade dos cristãos para dar testemunho da verdade nestes momentos nada fáceis para a Humanidade”.

Em segundo lugar, “amor pelos mais necessitados”, que Francisco resume “com três palavras: teto, trabalho e terra”. Em



terceiro lugar, “a liberdade de espírito, que compreende a liberdade religiosa”.

Finalmente, a “preocupação do Papa com o futuro da Europa”. Para Osoro, “a Europa tem medo de abrir suas portas para os outros, outrora a Europa se fez sempre abrindo as portas, e neste momento está se fechando”. “O Papa – acrescentou o cardeal – diz que as periferias não são o mesmo que as fronteiras, quer que construamos pontes e compreendamos a realidade a partir das periferias, melhor do que do centro”.

Finalmente, destacou a necessidade de

ir ao encontro do outro, em todos os aspectos da vida: “Que a economia esteja a serviço dos povos, que se construa realmente a paz e a justiça, que se defenda com todas as consequências a Mãe Terra e que não tenhamos medo de derrubar muros”.

Em suma, “o amor e as pontes são manifestações da mesma realidade: não há amor sem pontes para os outros. Esta é uma tarefa imprescindível: dar-nos conta do drama da imigração e dos refugiados, que vivemos em nosso próprio país e na Europa”, finalizou.

Jesus Bastante

TRANQUILIZAR OU DESASSOSSEGAR FÁTIMA?

1. Fátima nunca mais é o título de um livro militante do padre Mário de Oliveira. Fátima, cada vez mais, é o panorama do que está a acontecer. Porque será?

Conheço Fátima desde 1947, onde também vivi, em épocas bastante diferentes. Contatei, muitas vezes, com os familiares dos pastorzinhos, a começar pelos pais da Jacinta. Ao longo do tempo, fui lendo o que se escrevia sobre o fenómeno. Já apresentei, até por escrito, as minhas impressões que não foram sempre as mesmas.

O primeiro sentimento foi de algo banal e triste, estranho e inverossímil. Como era possível que Nossa Senhora viesse pedir mais sacrifícios a uns pobres e inocentes pastorzinhos, para reparar um Deus ofendido por pecados que não eram deles? Porque não foi ela ter com esses que cometiam pecados tão grandes que deixavam o coração de Deus em sangue? Um colega mais velho respondeu-me: na religião isto é tudo ao contrário. Talvez, mas não é justo!

Dizer que se trata de um dos fenómenos religiosos mais relevantes do século XX, nascido no seio do catolicismo popular português, enquadrado pela hierarquia eclesial, desenvolvido no quadro de uma luta católica pela liberdade da Igreja e num quadro mundial de guerras, a abordagem de Fátima dispõe, hoje, além da documentação de propaganda, apologética e contestatária, de documentação crítica e de obras de interpretação, de diversas índoles e fácil acesso. Desse conjunto, saliento: A nível da História, destaco Fátima do Bispo Carlos Azevedo. Com a Senhora de Maio, António Marujo e Rui Paulo da Cruz, conseguiram uma Fátima, a muitas vozes, dissonantes. O pequeno Dicionário de Helder Guégués revela-se muito útil. Ana André e Sara Capelo registaram as vozes dos que percorrem quilómetros e quilómetros, a pé, até ao Santuário. Fátima é diferente para todos.

2. Dir-se-á que a resposta a essa pergunta exige ter em

conta outras que não cabem nesta crónica, como por exemplo: o que ganhou e o que perdeu o catolicismo português com Fátima? É uma questão real, mas carregada de ambiguidades, pois, entre os golpes militares de 1910, de 1928 e de 1974, Portugal mudou e a relação com o fenómeno religioso também.



O Concílio Vaticano II é a data incontornável da Igreja no século XX. Em certos países foi preparado por diversos movimentos, nomeadamente, de novas experiências ao nível da evangelização, da pastoral, da liturgia e do debate teológico. Os representantes episcopais da Igreja portuguesa apresentaram-se sem propostas de alteração do rumo do catolicismo. Alguns tiveram o desprazer de afirmar que nós já estávamos muito à frente desse Concílio.

O Vaticano II deixou que ficassem em aberto, para o pós-concílio, várias questões, entre elas, as da moral familiar, dos ministérios ordenados e do exercício dos direitos humanos no interior da Igreja. A primavera que João XXIII

desejava transformou-se num prolongado inverno, um reino da esquizofrenia: por um lado, o impulso do Concílio e por outro uma série de medidas para fazê-lo esquecer.

É conhecida essa história que a eleição do Papa Francisco tornou ainda mais evidente.

3. Há quem diga que Fátima nos salvou. Quando uns dizem que nos livrou da II Guerra Mundial, outros se apressam a lembrar a perda do império, as guerras coloniais, a miséria do povo e a imigração acelerada. Não vou entrar por aí. Seria demasiado fácil ter umas aparições à mão que nos servissem para resolver todos os problemas do país e do mundo. Uma propaganda dessas só poderia servir para desacreditar Fátima em toda a linha. Seria uma pseudo-substituição do país e das suas instituições.

Importa sublinhar que conseguiu uma grande vitória sobre a ideia de que a religião e a Igreja Católica, em Portugal, estariam no fim, em poucas décadas. Fátima é um grande centro de atração no campo religioso. Não resolveu os nossos problemas sociais, económicos e políticos, nem devia. Realizou o melhor da laicidade: Portugal é um país laico, mas permite que todas as religiões possam aqui respirar à vontade.

Os grandes criadores da nossa literatura do século XX viveram divorciados de Fátima e Fátima deles. Mundos estranhos, salvo raríssimas exceções. Por outro lado, a cultura religiosa popular, catalisada pelos muitos santuários do país, onde convergia a devoção peregrinante e a romaria, a religião e a cultura da alegria estão bastante anestesiadas.

Fátima vive da libertação interior de cada peregrino e isso é algo admirável e insubstituível. Fazer desse caminho o todo da enculturação da fé cristã, é o culto de uma espiritualidade de olhos fechados.

Fátima precisa tornar-se o novo livro do Desassossego.

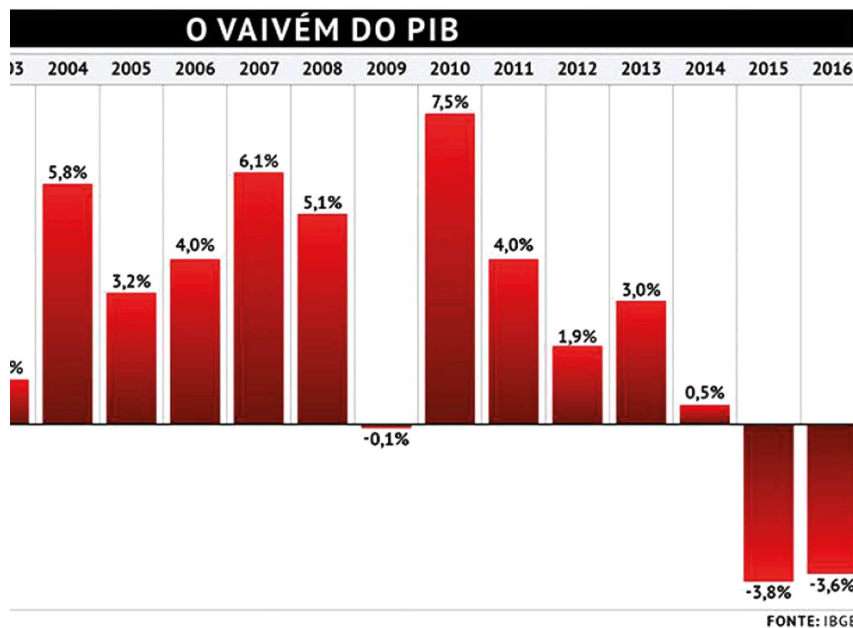
Frei Bento Domingues O.P.

PIB PER CAPITA BRASILEIRO DESPENCA

O Brasil apresentou grande crescimento da renda per capita nos séculos XIX e XX e foi um exemplo de sucesso econômico (embora com grande empobrecimento ambiental). Entre 1822 e 1980, na média, o Brasil cresceu mais que o restante do mundo. Mas esta realidade mudou a partir de 1981. As dificuldades foram se avolumando nas últimas décadas e, atualmente, o povo brasileiro passa por um momento crítico com 12,7 milhões de desempregados. Provavelmente, o Brasil vai chegar no aniversário dos 200 anos da Independência com uma renda per capita inferior àquela de 1913.

A renda per capita brasileira caiu com o início do declínio trimestral do Produto Interno Bruto (PIB). Entre 2014 e 2016 a renda per capita diminuiu fortemente. A volta ao patamar de 2013 só deve ocorrer em 2023, conforme indicam os dados do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgados em 17/04/2018). Desde o início dos anos 1980, o Brasil passou por três grandes crises econômicas: 1981-83 (recessão Figueiredo-Delfim; 9 trimestres com queda acumulada de 8,5%); 1989-1992 (recessão Sarney-Collor; 11 trimestres, com queda de 7,7%) e 2014-16 (recessão Dilma-Temer; 11 trimestres e queda

de 8,6%), segundo o relatório de outubro de 2017 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE). A primeira recessão foi ocasionada pelos dois choques do petróleo. A acentuada alta de preços pegou o Brasil na contramão, pois importava 83% do petróleo consumido internamente, tendo como agravante que todos nossos transportes dependiam dos hidrocarbonetos. Essa importação foi agravada, ainda mais, pela alta de juros americanos, que passou de 4,5% para 18%. Além disso, o governo americano, querendo a democratização do Brasil, recusava-se a negociar as dívidas brasileiras com o governo militar. O segundo período de crise teve como base políticas recessivas para combater a inflação. O Plano Collor, monitorado pelo FMI e por economistas alinhados com o Consenso de Washington, foi um desastre e o efeito do corte dos meios de pagamento, que foram confiscados pelo governo, não surgiram o efeito esperado. Além disso a corrupção e as arbitrariedades detonaram a credibilidade do governo que acabou sendo afastado. A recessão do Governo Dilma começou com a criação de um clima negativo por parte da mídia, convocação de passeatas que acabavam em vandalismos,



provocados por jovens pagos por alguém que tinha interesse em demonizar o governo e jogá-lo contra a opinião pública. Além disso houve retirada de crédito por parte dos bancos e queda acentuada nos investimentos. Portanto, uma crise deliberadamente provocada, que está se arrastando além do

esperado porque as delações da lava-jato mostraram que a verdadeira corrupção estava com os que tomaram o poder, não com os que saíram. Note-se que em 2010 o Brasil tinha subido da 8ª para a 6ª economia do mundo, ganhara grau de investimento nas classificações de risco, o desemprego

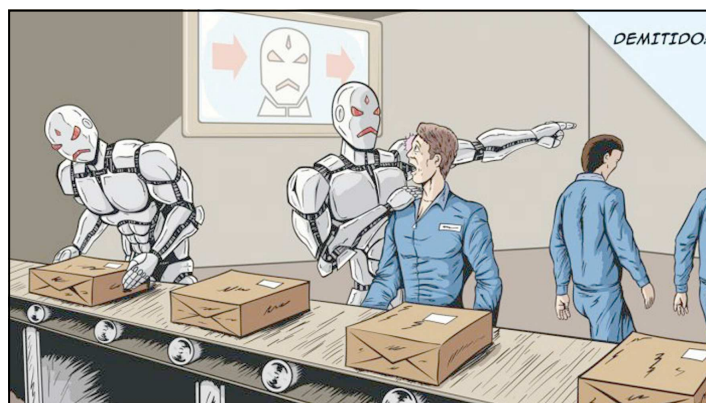
descera a 5%, o endividamento público e externo caíra e as reservas brasileiras passavam de US\$ 270 bilhões. Nos três primeiros anos do Governo Dilma a situação era ainda melhor com reservas em US\$ 380 bilhões e desemprego em 4,9%.

Dr. José Eustáquio Diniz Alves

OS ROBÔS ACABARÃO COM OS EMPREGOS

“É certo que a automação e os robôs eliminarão muitas tarefas e postos de trabalhos. Mas só causarão quedas no número total de postos de trabalho se - e apenas se - não diminuir a jornada de trabalho, e também se forem mantidas as políticas econômicas atuais, orientadas para a produção artificial da escassez, pois dessa forma os salários são reduzidos e a taxa de lucro das grandes empresas e dos bancos, aumentada”, afirma Juan Torres López, economista espanhol, membro do Conselho Científico de Attac Espanha e catedrático de Economia aplicada na Universidade de Sevilla. O paradoxo, diz Juan Torres, está nas políticas atuais (que diminuem o poder de compra de cada vez mais grupos sociais) que são um dos principais freios da automação e da robótica generalizadas. A possibilidade técnica de usar muitos robôs não é uma temática economicamente decisiva, mas que haja pessoas com renda suficiente para adquirir o que for produzido. O futuro não está ameaçado por robôs, mas por 24,2% de jovens espanhóis de 20 a 34 anos que não estudou nem trabalhou em 2015.

Uma ideia que se espalha como fogo nos últimos tempos é que dentro de poucos anos os robôs irão acabar com uma grande proporção de empregos e que milhões de pessoas ficarão sem qualquer rendimento procedente do trabalho. As evidências disto estão em estudos como o dos professores da Universidade de Oxford, Carl Frey e Michael Osborne, sobre o futuro do emprego. Eles afirmam que nada mais, nada



menos, do que 47% dos postos de trabalho existentes hoje nos Estados Unidos estão em risco de desaparecer por conta disso. Mas o que é realmente verdadeiro ou, pelo menos, provável, nesta ameaça?

Ao final dos anos setenta e início dos anos oitenta do século passado começou o uso generalizado da informática e das telecomunicações e, com elas, muitos economistas famosos anunciaram que viria um rápido aumento na produtividade e, em seguida, o desaparecimento de milhões de empregos, sobretudo no setor de serviços, o que não aconteceu.

Sabemos que a produtividade tem crescido como consequência da inovação tecnológica. Hoje produz-se entre 15 e 20 vezes mais por hora trabalhada do que no final do século XIX. Também é facilmen-

te comprovável que tanto a produtividade quanto a inovação sempre aumentam igualmente no decorrer do tempo. A inovação costuma acontecer em ondas e há fases de grande crescimento da produtividade, assim como há outras de baixa.

A produtividade é o aumento da produção por hora trabalhada. Em termos matemáticos, é a produção dividida pelas horas de trabalho. O grande aumento da produtividade gerada desde o final do século passado, não produziu um desemprego gigantesco, simplesmente porque a jornada de trabalho foi reduzida praticamente pela metade no século passado. Na Espanha, por exemplo, 74% dos trabalhadores em 1914 tinha uma jornada de trabalho de 60 horas por semana, mais de 3.000 horas por ano em comparação às 1.600 de hoje.

Se a jornada de trabalho baixa, se menos horas são trabalhadas em cada posto, quando a produtividade aumenta, é possível criar mais empregos.

a) Sabemos que ambos virão um dia e de maneira generalizada, embora não tragam consequências tão exageradas quanto às dos estudos de Frey e Osborne. A OCDE, por exemplo, acredita que apenas 9% dos empregos serão afetados nos Estados Unidos, em vez de 47%.

b) Os dados indicam claramente que a produtividade está em declínio. Ou seja, não é verdade que estamos à beira de uma nova e poderosa onda de inovação generalizada. (Nota da redação: Essa afirmação contraria a revolução 4G e os ganhos atuais de produtividade na Agricultura e a Indústria).

c) É certo que a automação e os robôs eliminarão muitos postos de trabalhos se não for reduzida a jornada de trabalho e promovidas outras políticas públicas criadoras de empregos.

Segundo o autor, o futuro do emprego não está ameaçado por robôs, mas por 24,2% de jovens espanhóis de 20 a 34 anos que não estudou nem trabalhou em 2015.

d) Pelo contrário, se as horas da jornada de trabalho forem reduzidas e a orientação da política econômica for alterada, a automação e os robôs poderiam abrir uma era de ouro para o planeta, com mais bem-estar, respeito ao meio ambiente e satisfação humana generalizada.

El Diario, 12-06-2017

DEPENDÊNCIA, PERDÃO E ABRAÇO

É bom saber que, embora tardiamente, a medicina reconhece toda dependência (obsessão e compulsão), seja pelo que for: álcool, alimentação, drogas, jogo, sexo, consumo... tudo isto é uma doença. Tudo que é doença não nos deve trazer orgulho.

Todo doente merece respeito e tratamento. A doença se agrava quando o seu portador é taxado com qualquer adjetivo pejorativo. Ainda a ciência da neurologia e psicologia está engatinhando na descoberta das causas desta doença.

Os portadores da dependência, normalmente sofrem com o desprezo daqueles que se consideram fortes e vencem com facilidade a obsessão e compulsão. Para muitos, ou quase todos, o gordinho e o viciado, precisam é de "vergonha na cara", ou força de vontade.

Não sou cientista e nem psicólogo. Mas pelo que observo, convivo e leio, todo dependente é de uma riqueza de sensibilidade. Sofre mais do que os outros, com a dor do viver, da decepção, do desprezo, da frustração, da ansiedade, da concorrência, do fracasso,



so, da injustiça, da desigualdade, da separação, da dificuldade ou incapacidade de mudança

Nós, "sadios", como jamantas pesadas, carregando nossas diferenças, nossa "dor de viver" passamos por cima de seus sentimentos, exigindo uma perfeição, uma correção, uma produtividade, um otimismo sem respeito algum ao seu momento psicológico.

Vivemos presos na redoma do trabalho, da tecnologia, do dever e do prazer, sem conseguir compreender que o sofrimento sentido pelo outro tem sua origem numa doença que se desenvolve no ambiente provocativo ou facilitador que nós criamos.

Lembro-me dos três "c": eu não causei, eu não controlo, eu não curo, mas acrescento um quarto "c": é preciso compreender o doente para o AMAR. Bom seria começar pelo PERDÃO e pelo fraterno ABRAÇO.

José Vanin Martins

VELHICE - A MAGIA DO NADA FAZER

A convivência com os Idosos de Castelo Branco, a leitura dos livros de Rubens Alves e a aproximação do meu octogenário de vida me pressionaram a estas reflexões que tomo a liberdade de enviá-las aos amigos desta longa caminhada.

Estamos vivendo num mundo globalizado em que tudo transpira tecnologia, avanços na informática, descobertas científicas, evolução midiática. Perante esta realidade, há de convir que não tem espaço para os idosos e os aposentados; aliás a sociedade moderna, os considera inúteis e um peso para ela e o ex-presidente da República, Fernando Enrique Cardoso sintetizou esta realidade, chamando os idosos de vagabundos.

Doutro lado, os próprios idosos são convencidos que são úteis, são ouvidos, podem dar os próprios palpites em todos os setores da sociedade, com a própria experiência e podem ainda contribuir para resolver os problemas sócio-político-econômico e se iludem pensando que ainda há um público ávido para escutá-los e respeitá-los. Ledo engano! São suportados, em geral, a duras penas na esperança que liberem mais breve possível o emprego e a herança.

Alguns lares suportam ainda a presença dos idosos pelos



benefícios que recebem através das aposentadorias que sustentam os filhos e os netos. Antigamente eram os filhos que davam abrigo aos pais idosos, agora são os pais que sustentam os filhos e netos.

Os idosos devem reconhecer e aceitar que o próprio ciclo findou. Deram o melhor de si e agora devem ter a dignidade e a postura de fazer largo aos jovens.

Perante esta realidade, me pergunto, tem futuro ainda a terceira idade? Acho que sim, deixando o destino do mundo nas mãos dos jovens, dos cientistas, dos tecnocratas, dando um voto de confiança e de responsabilidade, usando todos os instrumentos modernos para superar as várias crises existenciais.

Os idosos devem se conformar que já cumpriram a sua missão, "combateram o bom combate, terminaram a própria carreira", agora buscam a felicidade, não no mundo exterior, mas nos valo-

res essenciais que alimentam o seu ser através da meditação e da contemplação de tudo aquilo que plantaram e construíram fazendo uma colheita da sua vida. Os idosos devem interiorizar e contemplar as belezas da natureza, saborear os alimentos que os nutrem o sorriso e a inocência das crianças, o momento lúdico, que a vida lhes proporciona com os colegas que na velhice se tornam amigos. Viver é o "STATUS ZEN".

Não pensem que ficando velho é ruim. Tem as suas vantagens: não tem que observar o horário, não deve prestar conta a ninguém, transporte grátis, prioridade nos serviços públicos. Etc...

Ir ficando velho é desistir de pegar as estrelas, muito altas, longe no futuro. Agora é o tempo da felicidade. Cada dia é um milagre de graça, uma taça de prazer que deve ser bebida até o fim, sem deixar para amanhã.

Velho amigo Ernesto

NÓS, ELES, TODOS: A ENCRUZILHADA DECISIVA DA TEOLOGIA

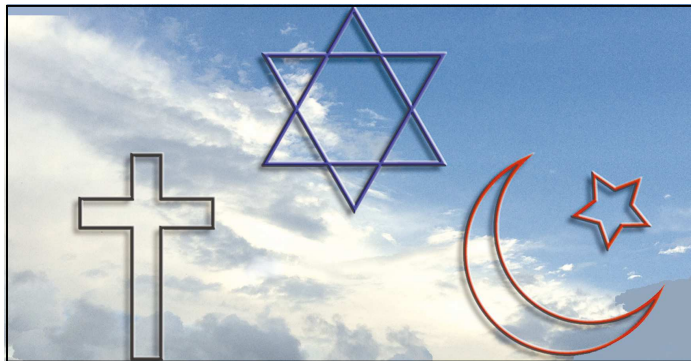
"O judaísmo, o cristianismo e o Islã se definem como religiões de paz, no entanto, todas as três deram origem à violência em alguns momentos da sua história". Como explicar o paradoxo de religiões que pregam a paz, mas que produzem guerra e terrorismo?

A questão interessa a todos, não só aos crentes, porque a religião voltou à cena mundial e voltará cada vez mais; ou, melhor, para Jonathan Sacks, autor do livro Non nel nome di Dio, o século XXI é "o início de um processo de dessecularização", do qual a prova principal se chama demografia: "Em todo o mundo, os grupos mais religiosos têm a mais alta taxa de natalidade", enquanto "onde as comunidades religiosas desaparecem, segue-se prontamente o declínio demográfico".

Naturalmente, a religião não é a causa direta da violência, já que nenhum século foi menos religioso e, ao mesmo tempo, mais violento do que o século XX. A raiz da violência não é a religião. A questão é muito mais complicada, tem a ver com a nossa identidade mais profunda: nós somos potencialmente violentos por sermos animais sociais. Isto é, a nossa tendência a formar grupos está, ao mesmo tempo, na origem da civilização e na origem da violência: "O altruísmo nos leva a fazer sacrifícios em benefício do grupo e, ao mesmo tempo, nos leva a cometer atos de violência contra aquelas pessoas que são percebidas como ameaças ao grupo".

Aquela vontade de relação que positivamente gera causas, famílias, amizades, comunidades, em outros lugares causa agregações sob a forma de bandos, grupos, clãs, brigadas. Uma humanidade sem grupos é impossível, mas uma humanidade estruturada por grupos é naturalmente

violenta. E o ponto é que a religião sustenta os grupos de modo muito mais eficaz do que qualquer outra força: por isso, ela parece ser a maior geradora de solidariedade e, ao mesmo tempo, de intolerância.



Contra essa ambiguidade estrutural da natureza humana manifestada pela religião em sumo grau, Sacks propõe uma "teologia do Outro", cujo fim é gerar um desejo de identificação com aquele que, por instinto natural, é apenas um inimigo: "Para me curar da violência potencial em relação ao Outro, devo ser capaz de me imaginar como o Outro". Essa teologia do Outro opera em nível metodológico levando a sair da lógica instintiva Nós-Eles, para abraçar a perspectiva espiritual que sabe ler a realidade do ponto de vista alheio. É o que as religiões chamam de conversão.

O ponto decisivo, porém, é que as religiões entendam que são justamente elas, hoje, que devem se converter para pôr fim à luta recíproca semelhante à "rivalidade entre irmãos". As três religiões monoteístas, de fato, são "irmãos

em competição" para agarrar o papel de verdadeiro depositário da revelação divina. A relação entre judaísmo, cristianismo e Islã tem sido até agora sob o sinal da superação recíproca: "O menor crê que prevaleceu sobre o maior: o cristianismo fez isso com o judaísmo, o Islã fez isso com ambos". O século XXI, porém, "convida a uma nova leitura".

Sacks dá o exemplo propondo uma "contra leitura" de alguns textos decisivos da Bíblia hebraica, porque "os mesmos textos que se encontram na raiz do problema, se justamente interpretados, podem fornecer a solução". Mediante essa releitura, Sacks mostra de modo magistral que o que os textos realmente dizem não é o que foi recebido nos séculos passados sob o sinal da diferença Nós/Eles e que está ainda hoje na base da rivalidade entre as três religiões abraâmicas, mas é a superação dessa lógica instintiva em vista da paz e da concórdia.

Não há nenhum lugar privilegiado para disputar. Ao invés, há a redescoberta de um Deus universal e pai de todos. Essa é a mudança de paradigma que o nosso tempo impõe: antes, a fê era finalizada ao Nós; agora, deve ser finalizada ao Todos: ao Nós + Eles.

O problema é que os textos sagrados das três religiões monoteístas contêm muitas passagens que, interpretadas literalmente, produzem violência e ódio. A esse respeito, Sacks escreve com justiça: "Podemos e devemos reinterpretá-los". É um dever do qual a teologia e as instituições religiosas não podem mais se eximir. O cristianismo e o Islã, que, ao contrário do judaísmo, consideram-se religiões universais válidas para todos, serão capazes de aceitar o desafio?

Jonathan Sacks



'MARIA MADALENA' RESGATA A IMAGEM MANCHADA



A imagem de Maria Madalena mais conhecida no mundo é a da prostituta. Mas não há nada que diga isso nos Evangelhos e a Igreja Católica finalmente lhe dedicou um dia, declarando-a “apóstolo para os apóstolos”, em 2016. A Maria Madalena prostituta teria sido uma criação do papa Gregório, no século 7.º.

É dessa premissa que parte Maria Madalena, primeiro filme sobre a misteriosa figura, dirigido por Garth. O diretor australiano disse não temer a polêmica. “Acho mais controverso que a história não tenha sido contada até hoje. Vai haver controvérsia, claro. Mas só posso ter confiança de que uma celebração de amor e perdão vale a pena.”

Tanto Rooney Mara, que interpreta o papel-título, quanto Joaquin Phoenix, que faz Jesus Cristo, afirmaram ter hesitado em aceitar a tarefa. “Fiquei com muito medo”, contou a atriz.

Ela ficou surpresa ao saber que Maria Madalena não era prostituta como sempre lhe ensinaram.

Mariane Morisawa

A MULHER NA VIDA E NA MISSÃO DA IGREJA

Esta é uma das principais conclusões de um encontro realizado pela Pontifícia Comissão para a América Latina, com o lema: “A mulher, pilar na edificação da Igreja e da sociedade na América Latina”. Os responsáveis pelo encontro admitem que “continuam existindo clérigos machistas, mandões, que pretendem usar as mulheres como servas dentro de sua paróquia, apenas como clientela submissa dos cultos e mão de obra bruta para o que for preciso”, e são categóricos na resposta: “Tudo isto precisa ir acabando”.

As mulheres “precisam ser reconhecidas e valorizadas como corresponsáveis da comunhão e missão da Igreja, presentes em todas as instâncias pastorais de reflexão e decisão pastorais”. Ao mesmo tempo, recordam que “é possível e urgente multiplicar e ampliar os postos e as oportunidades de colaboração de mulheres nas estruturas pastorais das comunidades paroquiais, diocesanas, em níveis das Conferências episcopais e na Cúria Romana”.

O documento final, divulgado nesta quarta-feira, afirma que “a mudança de época na qual estamos imersos e que requer por parte da Igreja uma nova proposta de dinamismo missionário, exige uma mudança de mentalidade e um processo de transformação análogo ao que o Papa Francisco conseguiu concretizar com as assembleias do Sínodo sobre a Família – que levaram à exortação apostólica *Amoris Laetitia* – e que agora se propõe com a próxima assembleia sobre os jovens”.

Este trabalho pela sinodalidade, também deve, segundo a Pontifícia Comissão para a América Latina, “estar livre de preconceitos, estereótipos e discriminações sofridas pela mulher”. Ao mesmo tempo, pede às comunidades cristãs “realizar uma séria revisão” para “pedir perdão por todas as situações em que foram e ainda são cúmplices de atentados contra sua dignidade”.

O documento acrescenta que as igrejas locais precisam ter “a liberdade e a coragem evangélica de denunciar todas

NOSSA MISSÃO

O Ministério da Mulher existe para manter, encorajar e desafiar as mulheres adventistas, como discípulas de Jesus Cristo e como membros de sua Igreja Mundial.

Este ministério tem sido uma bênção para o LAR, IGREJA E COMUNIDADE, e para todas as mulheres que se colocam nas mãos de Deus.



as formas de discriminação e opressão, de violência e exploração sofridas pelas mulheres, em diferentes situações, e para introduzir o tema de sua dignidade, participação e contribuição na luta pela justiça e fraternidade, dimensões essenciais da evangelização”.

Por isso, “convida-se todas as instituições católicas de ensino superior, em particular as faculdades de teologia e filosofia, a continuar aprofundando a teologia da mulher, à luz da tradição e do magistério da Igreja, de renovadas reflexões teológicas sobre a Trindade e a Igreja, de desenvolvimento das ciências, em especial da antropologia, como também das atuais realidades culturais dos movimentos e aspirações das mulheres”, declara a Pontifícia Comissão para a América Latina.

“Que se promova em todas as igrejas locais e através das conferências episcopais um diálogo franco e aberto entre pastores e mulheres comprometidas em diversos níveis de responsabilidade (dirigentes políticos, empresariais, líderes de movimentos populares e comunidades indígenas)”, conclui o documento

Jesús Bastante Esta

JESUS NUNCA PROIBIU ÀS MULHERES QUALQUER ATIVIDADE NA SUA COMUNIDADE

O que pensou Jesus sobre os direitos dos homens e das mulheres? Para responder a essa pergunta, é necessário ter uma ideia sobre a situação social da mulher no povo e na cultura em que nasceu e viveu o próprio Jesus.

Felizmente, dispomos de farta documentação histórica sobre este assunto. Um dos melhores estudiosos do tema, o professor Joachim Jeremias, detém-se, mais do que em teorias, em fatos muito concretos. Por exemplo: quando a mulher judia de Jerusalém saía de casa, cobria o rosto com um manto que incluía dois véus sobre a cabeça, um diadema na testa com fitas caindo até ao queixo e uma malha de rendas e nós; deste modo não se podiam reconhecer os traços do seu rosto (Billerbeck III, 427-434).

A mulher que saía sem levar a cabeça coberta, ou seja, sem o manto que ocultava o rosto, ofendia a tal ponto as boas maneiras que o seu marido tinha o direito, até mesmo o dever, de despedi-la, sem ter de lhe pagar a soma estipulada no contrato matrimonial, em caso de divórcio (Kat VII, 7).

Mas ainda havia algo pior. O sábio judeu Filon de Alexandria informa que «mercados, conselhos, tribunais, procissões festivas, reuniões de grandes multidões de homens – numa palavra, toda a vida pública, com as suas discussões e os seus negócios, tanto na paz como na guerra – é feita para os homens. “As mulheres convêm que fiquem em casa e vivam retiradas» (J. Jeremias, *Jerusalém en tiempos de Jesus*, 372).

E note-se que o mais rigoroso era o di-



reito do casamento. Até à idade de 12 anos e meio, uma filha não tinha o direito de recusar o casamento decidido por seu pai, que podia, inclusive, casá-la com um alejado. E ainda mais, o pai podia até vender a sua filha como escrava (Ex 21, 7).

Pois bem, assim sendo, os Evangelhos nos informam que Jesus, tão logo iniciou a sua atividade pública, a primeira coisa que fez foi reunir um bom grupo de discípulos que “o seguiam” pelos caminhos e aldeias. O extraordinário é que era um grupo misto, de homens e mulheres, como explica (com seus nomes e origem familiar) o evangelho de Lucas (8, 1-3). Uma lista paralela às outras listas de discípulos (Lc 6, 12-16; At 1, 13; Mc 3, 13-19; Mt 10, 1-4) (F. Bovon

Além disso, numa sociedade sem a devida liberdade, Jesus criou, para ele e para os que o acompanhavam, a sua própria liberdade. Assim, ele deixou-se perfumar e beijar por mulheres (Mc 14, 3-9; Mt 26, 6-13; Jo 12, 3), em alguns casos, pessoas com a pior fama (Lc 7, 38). Um tema que, com frequência, os pregadores eclesiais têm calado ou dissimulado, como muitas outras coisas que indevidamente costumam ser ocultadas em ambientes clericais.

A manifesta familiaridade que Jesus teve com uma samaritana pouco exemplar (Jo 4, 4-30), com Marta e Maria (Lc 10, 38-41), com Maria Madalena (Lc 8, 2; Jo 20, 11-18), o facto de que, quando os discípulos o abandonaram na paixão (Mc 14,

30), quem seguiu junto dele chorando era um grupo de mulheres (Lc 23, 27). E, para concluir esta rápida resenha de memórias evangélicas, não devemos esquecer que, nos relatos das aparições do Ressuscitado, as mulheres tiveram a mais destacada preferência (Mc 16, 1-8; Mt 28, 1-10; Lc 24, 1-12; Jo 20, 11-18).

Enquanto as mulheres não tiverem os mesmos direitos económicos que os homens, a mesma dignidade para qualquer trabalho, a mesma liberdade nas relações domésticas, profissionais, sociais e religiosas, haverá famílias em que a mulher vai aguentar tudo o que lhe puserem encima, porque ela sabe que, se o marido a deixar, de que vai viver? Como vai seguir em frente? O que vai fazer com os seus filhos? A “violência de género” não se resolve com um telefone. Nem com afastar os violentos duzentos metros. A violência não tem outra solução senão eliminar toda a desigualdade de direitos, respeitando as diferenças.

E, para terminar, onde é que se diz que as mulheres não podem ser sacerdotes ou não podem ocupar cargos de governo na Igreja? A resposta a esta pergunta não pertence à fé. É uma questão cultural. Jesus nunca proibiu às mulheres qualquer atividade na sua comunidade. E confrontou os fariseus quando lhe fizeram a pergunta sobre o privilégio unilateral do homem de repudiar a mulher (Mt 19, 1-12; cfr. Deut 24, 1), ou de num caso de adultério só ela merecer o apedrejamento (Jo 8, 1-11).

José María Castillo



FORO PRIVILEGIADO

Número de pessoas com foro privilegiado:

Brasil - 54.990

China - 2.987

Alemanha - 1

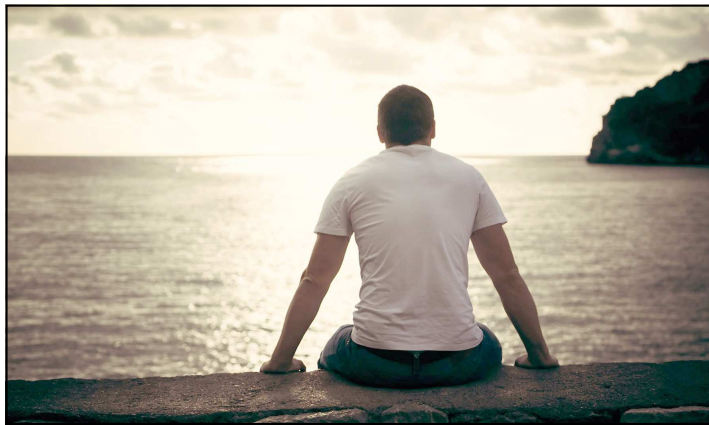
EUA - NÃO TEM

O foro privilegiado gera certeza de impunidade, o que leva o beneficiário do foro, sem caráter, a cometer crimes e a agir sem ética no jogo sujo da política. O primeiro passo para se combater a corrupção consiste, portanto, no fim do foro privilegiado em todos os níveis de governo. Por outro lado, para garantir a integridade da imagem de políticos e funcionários públicos é necessário que haja leis que punam severamente quem acusa sem provas. Sem foro privilegiado, o político precisa ser resguardado dos criadores de falsas acusações (Fakes) para tirar proveito próprio denegrindo a



imagem dos seus adversários políticos ou desafetos. A impunidade é um mal, mas a garantia da boa imagem é, também, direito de cada pessoa e de extrema importância para a lisura do processo democrático.

SOLIDÃO



Existem cidades no Nordeste do Brasil com o nome de SOLIDÃO e FELIZ DESERTO. Procuram ser felizes na sua Solidão e no seu Deserto.

A solidão na vida de alguém é como a pepita de um cristal. Tem muitas facetas geométricas culturais. A solidão é o recolher-se em si mesmo à procura de uma felicidade interior: lado positivo. Também é o afastamento no tempo e no espaço por quem não encontra solidariedade social. É a desilusão da vida vivida: lado negativo.

A solidão torna-se o deserto do sentimento: é o silêncio interior e exterior na procura de uma Paz. Os anacoretas procuravam o deserto para encontrar o silêncio do espírito. Sair da solidão é encontrar a alegria da compreensão humana.

No mundo hodierno quanta solidão no comportamento das pessoas! Na família onde os pares estão presentes, às vezes, há falta de coesão, e até afastamento, com ruptura de amor entre irmãos, entre pais e filhos, esposos e esposas. Estabelece-se, nesta ocasião, a vida familiar de solidão.

Há presença, mas, vivem na solidão.

A tecnologia dos “whats app” enriquece uma comunidade de mensagens, porém, deixa o amigo e a amiga na sua frente, numa eterna solidão...

Como as Igrejas podem colaborar para diminuir a solidão?... Para combater a solidão é muito oportuno que os “monges”, “freiras”, “recoletos” e “congregacionistas” saiam de sua toca claustral para ir ao encontro dos Solitários... Na Itália há uma organização de “Voluntários” que estão à disposição, dia e noite, dos abrigos de idosos, e das pessoas que vivem sozinhas...

O argentino Jorge Bergoglio, Papa Francisco, faz um apelo enérgico, em alto e bom som, para que “os fiéis cristãos se dirijam às comunidades das periferias das cidades e dos campos para levar a mensagem de Cristo”. Assim é cultivado um Mundo Novo Cultural com o abraço da Solidariedade, a presença de uma Mão Amiga e de Amor Fraternal...

Eis um programa de “inculturação” bom para as Igrejas do Século XXI.

Clovis Antunes

Falecimento

Faleceu a mãe de nosso amigo João Tavares dia 8 de março de 2018, aos 97 anos de idade, em Portugal.

Confortando o órfão João, diz-lhe Laureci Wiggers, de Florianópolis: “Prezado amigo, nossas mães não envelhecem, nem morrem. Estarão sempre lindas junto a Deus como estavam conosco”.



O IMAGINÁRIO PASCAL DO ALÉM-TÚMULO



Depois da morte, restam apenas as marcas que o falecido deixou nas suas obras e na memória dos vivos. No entanto, o imaginário da vida depois da morte sempre suscitou e alimentou insólitas “histórias” de terror e consolação. Os “mapas” da geografia do Além e das crenças nos poderes invisíveis são abundantes na originalidade de cada povo e cultura. Parece que a maioria das pessoas recusa o niilismo. Não aceita que a morte seja o fim de tudo. No vocabulário cristão, a ressurreição impôs-se, mas continua a ser difícil exprimir a significação dessa gloriosa metáfora. Quando lemos e proclamamos, na Eucaristia, trechos das chamadas narrativas da ressurreição de Cristo, ficamos mergulhados em muitas perplexidades.

Por um lado, no dizer de S. Paulo, se não há ressurreição, Cristo também não ressuscitou e, se Cristo não ressuscitou, estamos ligados ao nada. Recordar o exemplo que Jesus de Nazaré nos deixou – a figura mais extraordinária da humanidade – deve encher de alegria crentes, agnósticos e ateus. Para os cristãos, esvaziar a sua humanidade é um atentado contra a humanização de Deus. Como mostrar que Jesus ressuscitado continua a ser o mesmo que viveu com os discípulos e que agora vive numa dimensão completamente nova e indizível? Como pode atingir-nos em todos os tempos e lugares e conviver com todos os seres humanos de todas as épocas da história?

Os narradores tiveram

de recorrer a todos os recursos da imaginação para exprimir o que supera a nossa experiência intra-histórica. A linguagem simbólica é muito mais realista do que a linguagem das ciências empíricas. Quanto mais poético mais real. A música é a sua alma e apenas ela pode sugerir o que nenhuma linguagem pode conter.

Além disso, o uso que a liturgia católica faz desses textos não é para resolver problemas do passado, nem para dar contributos à Quarta Revolução Industrial. Pretende responder a esta simples questão: Jesus Cristo é ou não nosso contemporâneo? Uma vez situado no passado, naquele tempo, ou no céu, à direita do Pai, numa espécie de férias prolongadas. Nas próprias orações das missas repete-se Ele que é Deus convosco. O Emmanuel, o Deus conosco, nessas expressões acaba por viver sem nós, situado no passado ou no “etéreo”. Não admira que as orações dos fiéis andem sempre a informar Deus acerca daquilo que por cá se passa. Não tem de ser assim.

A arte de entrar o passado e o presente foi-nos oferecida por S. Lucas. Escreveu um conto – os Discípulos de Emaús – como se fosse acerca do passado para dizer o que sempre acontece numa comunidade cristã. Imaginou dois dos discípulos, tristes e desiludidos pelo que aconteceu ao seu Mestre e sem esperança na ressurreição prometida. O interessante do conto é que o próprio Jesus entrou no grupo e

na discussão do que tinha sido o seu julgamento. Eles estranham a ignorância e a distração deste forasteiro e explicaram-lhe, com todos os pormenores, o que Lhe tinha acontecido. Este mostra-se muito interessado. Acabam por acrescentar: «é verdade que algumas mulheres, que são dos nossos, nos assustaram; foram ao sepulcro e vieram dizer que tiveram umas visões e que Ele está vivo. Os homens verificaram a narrativa das mulheres, mas não O viram.

Aí, o forasteiro explicou-lhes que não estavam a entender o que tinha acontecido. Não se dá por achado e explicou-lhes, a partir das Escrituras, o que Lhe dizia respeito. Enquanto os discípulos perto da aldeia para onde iam, Jesus fez de conta que seguia viagem. Pediram-lhe para ficar com eles. Ficou e tomou conta da casa e da mesa. Tomou o pão partiu-o, distribuiu-o e deixaram de O ver. Quando O não viram, reconheceram-no no gesto eucarístico.

Jesus Cristo é o clandestino da vida humana. Não damos por Ele, mas Ele anda sempre conosco. A celebração da Eucaristia implica uma ponte entre o quotidiano e a celebração. Mas sem o acolhimento do desconhecido não acontece nada. Certamente que Jesus não tinha uma forma especial de partir pão. Mas é Ele que é o pão da vida. A celebração semanal da Eucaristia serve para não perder a memória de Jesus, a transformação do presente e a abertura à esperança. **Frei Bento Domingues, O.P.**



QUANDO TEREMOS NÚNCIOS APOSTÓLICOS LEIGOS?

A Santa Sé é uma entidade soberana independente localizada no Estado da Cidade do Vaticano. E, como tal, acolhe embaixadores e os credenciais para outros Estados do mundo. Os diplomatas do Vaticano ou da Santa Sé têm o título de “núncio apostólico”.

Como diplomatas, eles fornecem uma ligação entre o Estado ou os Estados que representam, a Igreja local e o Vaticano, particularmente no que diz respeito aos interesses da Igreja Católica.

Eles desempenham um papel decisivo na nomeação dos bispos.

Os núncios geralmente têm o posto de bispo. Por quê? Há alguma razão bíblica ou teológica envolvida? Não consegui identificar nenhuma dessas razões.

Continua sendo uma função clerical, porque está enraizada em uma tradição eclesial em que o exercício da autoridade é eminentemente clerical e em que o poder é tradicionalmente mantido pelo clero. A forma

perversa desse poder clerical é o que conhecemos como clericalismo.

Desde o início de seu pontificado, em várias ocasiões, o Papa Francisco alertou o clero contra o clericalismo, que, na sua opinião, “apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a Igreja está chamada a dar testemunho”. Esse clericalismo apaga os carismas dos leigos em vez de discerni-los.

Eu acredito que o Papa Francisco deveria considerar a possibilidade de abrir esse papel a homens e mulheres leigos como parte da batalha contra o clericalismo.

Para ser um bom núncio apostólico, é suficiente amar a Igreja, ter uma boa formação teológica e canônica, e ter as aptidões diplomáticas necessárias.

Isso não parece ser uma prerrogativa clerical.

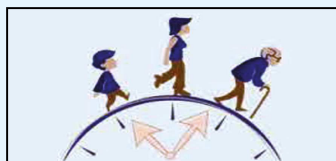
Padre Ludovic Lado



RECLASSIFICAÇÃO DAS FAIXAS ETÁRIAS

A OMS – Organização Mundial de Saúde - fez nova avaliação das idades:

1. Menor de idade: 0 a 17 anos
2. Jovens: 18 a 55 anos
3. Meia idade: 56 a 79 anos
4. Idosos: 80 a 99 anos
5. Idosos de longa vida: além de 100 anos

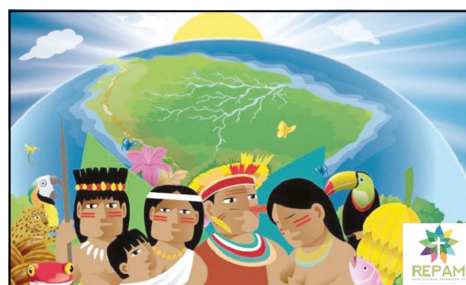


UM SÍNODO MUITO IMPORTANTE PARA A IGREJA NA AMAZÔNIA

Uma grande satisfação vem da região Pan-Amazônica, para a qual o Papa Francisco anunciou, nesse domingo, uma assembleia especial do Sínodo dos Bispos, que se realizará em Roma em outubro de 2019.

O cardeal Cláudio Hummes, presidente da Rede Eclesial Pan-Amazônica (Repam), expressa sua alegria pela notícia.

“Acolhemos com muita alegria e gratidão ao papa e a Deus, acima de tudo. Nós todos agradecemos a Deus porque será um evento eclesial muito importante para a missão da Igreja na Amazônia. Portanto, foi para nós todos um anúncio de uma graça verdadeiramente grande. Estamos todos muito contentes e sabemos que o mundo inteiro atualmente tem um interesse especial pela Amazônia, também por causa da crise climáti-



ca e ambiental geral. Para nós, católicos e cristãos, é importante, especialmente, por causa da evangelização daquela região, a evangelização dos indígenas que estão lá, que aguardam com muita esperança a presença da Igreja e da Palavra de Deus que a Igreja sempre leva.”

Essa decisão denota uma preocupação muito forte do pontífice. Isso aumenta um pouco as expectativas em relação ao Sínodo. O que se pode esperar?

“Creio que o papa realmente quer ouvir os bispos de toda aquela região, para indicar novos caminhos de presença e de proximidade com as pessoas. Mas também a evangelização propriamente dita, a evangelização que também significa o anúncio explícito de Jesus Cristo. E, depois, justamente, tudo o que a Igreja deve fazer em nome de Jesus Cristo em favor da questão socioambiental”.

Cristiane Murray
Radio Vaticana

FRANCISCO NÃO SE INTIMIDA COM AS CRÍTICAS

“Certamente o Papa Francisco não se deixa intimidar pelas críticas que vêm de dentro e de fora da Igreja. É sereno, fica até mesmo feliz quando o chamam de revolucionário, segue seu caminho nas pegadas de Cristo, defende os fracos, luta pela redenção dos necessitados, é contra qualquer forma de injustiça, quer cada vez mais uma Igreja em saída, pobre para os pobres, mas com respeito pela Tradição, falando aos homens e às mulheres de hoje e sempre com o Evangelho na



mão. E aqueles que tentam em vão colocá-lo contra o Papa emérito, e vice-versa, erram por má-fé, pois todos sabem que entre Jorge Mario Bergoglio e

Joseph Ratzinger existe continuidade, sintonia, respeito, afeto recíproco e o mesmo amor pela Igreja de Jesus”.

Cardeal Walter Kasper

SÍNODO PARA A AMAZÔNIA



Brasil envia as primeiras propostas para o Papa

Durante um Angelus, o Papa Francisco anunciou uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-amazônica, que será realizada em Roma no mês de outubro de 2019. Acolhendo o “desejo” de algumas Conferências Episcopais da América Latina, bem como as “vozes” de pastores e fiéis de todo o

mundo, o Papa explicou que “o principal objetivo dessa reunião será identificar novos caminhos para a evangelização daquela parcela do Povo de Deus, especialmente os indígenas, muitas vezes esquecidos e sem a perspectiva de um futuro sereno, em parte por causa da crise da floresta amazônica, pulmão de capital importância para o nosso planeta”.

www.ihu.unisinos.br

Humor

Acrobata temido

Na quaresma, um padre de pequena cidade estava no confessionário atendendo os paroquianos, quando veio um rapaz que ele não conhecia.

Ele perguntou: Você não é daqui? Está passeando?

- Não, senhor, eu sou acrobata. Trabalho no circo que está na cidade.

O padre disse que nunca tinha visto um acrobata e pediu que ele fizesse uma demonstração.



Terminada a confissão, o rapaz saiu do confessionário plantando bananeira e deu uma série de cambalhotas.

Duas velhinhas que estavam na fila se olharam e uma disse para outra: Vamos embora, comadre. A penitência hoje é meio complicada para nós e eu estou sem calcinha!

